

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
INSTITUTO GOIANO DE PRÉ-HISTÓRIA E ANTROPOLOGIA

Laura Silveira Lopes

**A CULTURA MATERIAL E A MATERIALIDADE:  
O CONTEXTO ARQUEOLÓGICO DO GO-JA-02, COMPLEXO  
SERRANÓPOLIS, GOIÁS.**

**GOIÂNIA**

**2020**

**LAURA SILVEIRA LOPES**

**A CULTURA MATERIAL E A MATERIALIDADE:  
O CONTEXTO ARQUEOLÓGICO DO GO-JA-02, COMPLEXO  
SERRANÓPOLIS, GOIÁS.**

Monografia apresentada a Escola de Formação de Professores ao Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia da Pontifícia Universidade Católica de Goiás como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Arqueologia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rosiclér Theodoro da Silva

**GOIÂNIA**

**2020**

## **AGRADECIMENTOS**

À minha mãe Ana Carla, meu pai António, aos meus avós Ray e Randes, ao meu tio Sidney e ao restante da família que me apoiou no decorrer do curso.

À orientadora professora Dra. Rosiclér Theodoro da Silva, que não desistiu de mim, mesmo nos momentos mais delicados da graduação. Ao prof. Dr. Julio Cezar Rubin de Rubin, que sempre esteve presente e disposto a ajudar no que fosse preciso. A professora Dra. Marlene Ossami de Castro, uma antropóloga inspiradora e a todo corpo docente do IGPA.

Aos meus amigos que me acompanharam nesse percurso, que parecia não ter fim. Em especial, a Daniele que a tenho como uma irmã mais velha e que me aguentou por dois anos e meio morando na mesma “casa” de pouco mais de 30m<sup>2</sup>, a Nanda que estava sempre rindo, com uma risada super contagiante e de braços abertos para me acolher e “falar que vai dar tudo certo”. E assim forma-se o trio: a desenvolvida, a enalhada e a danadinha. E ao meu melhor amigo de coração, Gabriel Danoski.

À PUC Goiás, por ofertar o curso de Arqueologia e pela bolsa de Iniciação Científica BIC, e á toda equipe que trabalha arduamente para que este curso perdure por muitos e muitos anos, formando várias arqueólogas e arqueólogos.

## RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem o intuito de instigar a importância de se pensar a materialidade em contextos arqueológicos pré-históricos, trazendo assim um novo olhar para o Complexo Serranópolis, pontuando a necessidade de ver além da técnica, trazer o que há de humano nos sítios e em seus vestígios. Há sudoeste do estado de Goiás faz-se presente um dos maiores conjuntos de abrigos da região, onde a 11 mil anos A.P grupos de seres humanos se fixaram e atribuíram significados para cada Lugar que compõem, o que chamamos de Complexo Serranópolis, composto por paredões de arenitos silicificados, inseridos no cerrado e bem abastecido por afluentes que circundam os abrigos. Esta pesquisa traz, abordagens morfofuncionais para a análise dos materiais cerâmicos e uma visão mais orgânica referente à sua utilização e quanto ao espaço do Complexo, buscou-se um melhor entendimento da territorialidade.

**Palavras-chave:** Complexo Serranópolis; Cerâmica; Materialidade.

## **ABSTRACT**

This paper aims to instigate the importance of thinking about materiality in prehistoric archaeological contexts, thus bringing a new look to the Serranópolis Complex, emphasizing the need to see beyond the technique, bring what is necessary human in the sites and their traces. In the southwest of the state of Goiás, one of the largest groups of shelters in the region is present, where 11 thousand years ago AP groups of human beings settled and attributed meanings to each place that composes, what we call Complexo Serranópolis, composed of silicified sandstone walls, inserted in the savannah and well supplied by tributaries that surround the shelters. This research brings, morphofunctional approaches to the analysis of ceramic materials and a more organic view regarding their use and regarding the space of the Complex, a better understanding of territoriality was sought.

**Keywords:** Serranópolis Complex; Pottery; Materiality.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Representação referente a multidisciplinaridade na produção de conhecimento arqueológico.....	19
Figura 2 Especificação de antiplástico caco moído no vasilhame cerâmico .....	21
Figura 3 Cauixi no fragmento cerâmico.....	22
Figura 4 Presença de Cariapé na cerâmica .....	23
Figura 5 Mapa etnohistórico da região de Goiás, adaptado com recorte da região do Complexo Serranópolis. ....	40
Figura 6 Mapa de distribuição espacial dos Cayapó do Sul.....	41
Figura 7 Mapa e dispersão dos Cayapó do Sul-Panará.....	45
Figura 8 Mapa de distribuição espacial da Tradição Lítica Itaparica .....	48
Figura 9 Representação de Instrumentos líticos, referentes da Tradição Itaparica...49	
Figura 10 Representação de cerâmica da Tradição Una. ....	51
Figura 11 Representação de Cerâmica da Tradição Tupiguarani Fase Iporá .....	53

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 Conceituando paisagem. ....	13
Tabela 2 Histórico de contato do grupo étnico Cayapó do Sul.....	43
Tabela 3 Panorama histórico de contato com o grupo étnico Panará.....	44
Tabela 4 Semelhanças culturais entre Panará e Cayapó do Sul. ....	45
Tabela 5 Propriedades da cerâmica da Tradição Una .....	51

## SUMÁRIO

Introdução .....	9
Objetivos .....	10
Objetivo geral .....	10
Objetivos específicos.....	11
Capítulo 1. Referencial Teórico .....	12
1.1. Espaço, Lugar e Território.....	12
1.2. Paisagem e a Arqueologia da Paisagem .....	13
1.3. A análise e interpretação do território .....	15
1.3.1. Análise de Captação de Recursos .....	16
1.3.2. Teoria do Lugar Central.....	16
1.3.3. Polígono de Thiessen.....	17
1.4. Cultura, Cultura Material e Arqueologia .....	17
1.5. Cerâmica e sua Classificação.....	20
1.6. Interfaces entre Tecnologia, Técnica e Aspectos Funcionais .....	25
1.7. Tradições e Fases Arqueológicas.....	27
1.8. Atores, Redes e Transcendência da Materialidade .....	29
Capítulo 2. Métodos.....	33
2.1. Análise de Captação de Recursos.....	33
2.2. Teoria do Lugar Central .....	34
2.3. Polígono de Thiessen .....	34
2.4. Análise morfofuncional do material cerâmico.....	35
2.5. Materialidade e o universo das coisas .....	36
Capítulo 3. Complexo Serranópolis .....	37
3.1. Caracterização Ambiental .....	37
3.2. Contexto Etnográfico Regional .....	38
3.2.1. Cayapó do Sul-Panará .....	40

3.2.2.	Bororo.....	46
3.3.	Contexto Cultural .....	47
3.3.1.	Caçadores Coletores.....	47
3.3.2.	Agricultores ceramistas .....	50
Capítulo 4.	Discussão.....	55
	Considerações Finais.....	61
	Referências .....	62
	Referências Eletrônicas.....	66

## INTRODUÇÃO

A arqueologia é uma ciência que com o passar dos tempos vem se modificando, abraçando outros campos do conhecimento, adaptando métodos e acima de tudo, concebendo uma nova visão de mundo para quem se dispõem a produzi-la e a divulgá-la. Uma arqueóloga ou um arqueólogo tem em suas mãos as informações primárias de um estudo, cabe a eles interpretá-los e embasar seus princípios em fontes confiáveis, para que a pesquisa se desenvolva.

A pesquisa arqueológica, não se restringe na análise se artefatos, objetos produzidos pelo ser humano, mas extrapola tais limites que a cultura material em si lhe impõe, pois, por vezes, o objeto de estudo da(o) pesquisadora(o) não é o artefato, mas sim o contexto em que ele está inserido e não só o contexto material, como o ambiente e o espaço, mas também as relações que se estabeleceram, para que o produto final, fosse o contexto arqueológico como um todo.

Logo, a arqueóloga, investiga os processos culturais que se desenrolaram para a produção da cultura material, envolvendo assim diferentes cadeias operatórias e relacionais, que são construídas na relação de indivíduo e meio ambiente, entre cultura e necessidade. E cabe a arqueologia atribuir mais ênfase no entendimento de tais relações para melhor compreensão do contexto arqueológico.

Dessa forma, este trabalho de conclusão de curso refere-se a elementos da cultura material em espacial do Complexo Serranópolis, no capítulo 1 é abordado o referencial teórico que fundamentou a pesquisa, baseando-se em fontes processualistas, com o intuito de compreender o espaço e o material cerâmico na sua forma mais formal e técnica, conceituando seus atributos e explanando seus conceitos.

O capítulo 2, explana os métodos utilizados durante a pesquisa, se referindo a abordagens pautadas na geografia e estatística, para a compreensão da compartimentação espacial, em seguida tem o material cerâmico como objeto de estudo, pontuando seus atributos e aspectos funcionais e por último a materialidade, que segue por caminhos sinuosos e se infiltra em todas as relações existentes entre pessoas e o meio que elas frequentam.

Já no capítulo 3, se faz uma contextualização da área de pesquisa, o Complexo Serranópolis, pontuando seus aspectos geofísicos, culturais e etnográficos – com o levantamento de informações referentes a dois grupos

indígenas que frequentaram a região de Serranópolis, de acordo com Nimuendaju (1986).

Os últimos capítulos, a discussão e as considerações finais, concluem a linha de pensamento da pesquisa, atribuindo valores para a cultura e as relações extrasomáticas presentes no desenrolar da vida, que, por conseguinte se materializou em contextos arqueológicos dentro de abrigos que serviram de moradias e refúgio para grupos de seres humanos que usufruíram do que Serranópolis tinha para lhes oferecer.

A cultura é um elemento que define e distingue-os seres humanos dos outros animais, ela não deve ser referida apenas como um mero dado, ou algo banal que apenas existe. Assim, este TCC não vê a cultura material, no caso a cerâmica, apenas como objeto utilitário que vem a desempenhar determinadas funções, mas sim como um componente estrutural de relações interpessoais e culturais. O mesmo se refere ao espaço, os abrigos que constituem o Complexo Serranópolis, são lugares, que portam significados para quem os habitou, como também para os pesquisadores que buscam saciar suas problemáticas sobre aquele contexto.

Este Trabalho de Conclusão de Curso é fruto de duas iniciações científicas que tiveram como base a morfofuncionalidade do material cerâmico e a distribuição espacial dos agricultores ceramistas no Complexo Serranópolis, tais pesquisas estão incluídas no projeto: Escavação do sítio arqueológico GO-JA-02 Serranópolis, Goiás, coordenado pelo professor Dr. Júlio Cesar Rubin de Rubin. Assim sendo, uma das primeiras leituras do Complexo Serranópolis por um viés da materialidade.

## **OBJETIVOS**

### **OBJETIVO GERAL**

Este TCC tem como objetivo geral, pontuar que a materialidade está presente no contexto arqueológico, mesmo tendo como base uma serie de análises formais e tecnicistas, alcançando assim o indivíduo no objeto de análise arqueológica, seja ele o artefato ou o espaço.

## **OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

Compreender o funcionamento e estruturação do material cerâmico, através de como é desempenhada a função e as variabilidades das funcionalidades que apenas um recipiente pode vir a ter.

Entender o espaço que constrói o Complexo Serranópolis, pela formulação de possíveis territórios através de métodos de análise espacial, que se fundamentam em ABORDAGENS estatísticas e geoarqueológicas. Bem como, instigar a relação entre espaço, lugar e território.

## **CAPÍTULO 1. REFERENCIAL TEÓRICO**

### **1.1. Espaço, Lugar e Território**

O espaço remete a uma sensação de amplitude, de vastidão e liberdade (TUAN, 1983), é um local que anseia a presença de qualquer agente, seja humano ou não humano. O espaço é anterior a qualquer ação, é a matéria prima para a manifestação de dinâmicas de intenção e apoderamento (RAFFESTIN, 1993 apud SANTOS, 2016).

O espaço vem sendo entendido de diferentes formas de acordo com a área do conhecimento que o utiliza, mesmo na geografia, afirma-se ser a ciência que vai abraçar o termo de forma mais acolhedora, no decorrer dos tempos, algumas vertentes atribuíram diversas categorias para o uso do espaço. Atribuem aspectos absolutos, como um conjunto de pontos que existem entre si e se associam em todas as dimensões (SPOSITO, 2004), ou como algo relativo para os neopositivistas, mas o conceito que melhor se adequa para o estudo do espaço em uma análise arqueológica é o de que ele se trata de uma totalidade.

Ao abordar o espaço como totalidade, tem-se que fenômenos espaciais e o espaço social são construídos pelo trabalho humano, visando atender suas necessidades. Assim, o espaço não deve ser entendido apenas como um pano de fundo para as manifestações, mas sim uma entidade ativa e complexa em relação às vidas humanas (TILLEY, 1994; THOMAS, 1996 apud COPÉ & ROSA, 2008) deve-se considerar essa relação ocorre através da reorganização da superfície terrestre, onde lhe são atribuídos significados pelos agentes e atores sociais (SANTOS, 2016).

Como resultado dessa manipulação e atribuição de significados ao meio, cria-se o termo território, que de acordo com Raffestin (1993), são porções do espaço que é apropriado por relações de poder, onde quanto maior o controle, maior é o campo de ação dos indivíduos, construindo divisões territoriais.

O Território é o lugar em que desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é onde a história do homem plenamente se realiza a partir das manifestações da sua existência. A Geografia passa a ser aquela disciplina mais capaz de mostrar os dramas do mundo, da nação, do lugar (SANTOS, 1999, p. 1 apud SANTOS, 2016, p.4).

O território é o ponto de partida da existência das pessoas, é nele que surgem as identidades dos grupos, que se expressam as intencionalidades, relacionadas às

esferas culturais dos indivíduos. É nele que surge a noção de lugar, que remete ao sentimento de segurança, de centro, onde o homem passa a ter consciência do espaço, experienciando tocando e manipulando as “coisas”, produzindo assim, um mundo de objetos (TUAN, 1983).

## 1.2. Paisagem e a Arqueologia da Paisagem

A paisagem tal como espaço, vem sendo conceituada por diferentes campos da ciência, ora usa-se com potencialidade naturalista ora cultural (KORMIKIARI, 2000). Porém, aqui esclarece-se que tais vertentes se fundem para a compreensão da paisagem, pois ela trata da relação do homem com o meio ambiente, para melhor explanação desse contexto, utiliza-se diversas áreas do conhecimento, como as geociências, a antropologia, a biologia, a arqueologia, entre outras áreas que vem a complementar o estudo dessa utilização e apropriação do espaço pelo homem (FAGUNDES & PIUZANA, 2010).

Ao conceituar paisagem, pode-se dizer que:

**Tabela 1 Conceituando paisagem.**

» Algo sintético
» Sistema cultural
» Na transformação de espaços físicos atribuindo significados
» Indicador do mundo externo da subjetividade humana
» Mediador da cultura e da natureza
» Mundos construídos culturalmente
» Diferente de meio ambiente natural

Fonte: KORMIKIARI, 2000.

A paisagem é vista como uma entidade ativa e muito mais complexa em relação às atividades humanas (ASHMORE & KNAPP, 1999 apud KORMIKIARI, 2000), tendo um papel ativo junto aos compromissos do ser humano, a paisagem externaliza uma variedade de processos, relacionados a organização e modificação do espaço, dependendo dos propósitos que o indivíduo possui perante o espaço (FAGUNDES & PIUZANA, 2010).

Com base nos estudos voltados para a paisagem no contexto arqueológico, surgiu o termo paisagem arqueológica, que se trata de um fenômeno social, constituído por circunstâncias históricas específicas, que transmitem símbolos interpretáveis, em meio à teia de significados em qual está inserida (GEERTZ, 2001;

apud FAGUNDES & PIUZANA, 2010), ou seja, é como as pessoas moldam os espaços de acordo com a sua cultura.

Tal como Tuan (1983), explana sobre a experimentação e organização do mundo, através da cultura, há uma infinidade de possibilidades para o uso dos espaços e sua transformação em lugares. Assim, a paisagem arqueológica, como a paisagem em si são tidas como: uma construção social, que se fundamentam na materialidade e nos aspectos cognitivos e comportamentais, que estruturam um sistema de símbolos apropriados e transmitidos por sociedades humanas (FAGUNDES & PIUZANA, 2010).

Esse elemento cultural, que vem sendo construído de acordo com as fundamentações simbólicas de uma sociedade, deve ser analisado tendo em vista os possíveis caminhos para adaptabilidade e estratégias de sobrevivência dos grupos que a estavam se movendo e definindo seus lugares, pensando assim na totalidade paisagística, onde há a união entre sitio e não sitio e espaços topográficos, para a compreensão da área de atuação de um dado grupo pré-histórico (IDEM).

A arqueologia da paisagem surge a Europa por volta das décadas de 1960 e 1970, tinha como principal foco, o levantamento sistemático dos sítios, identificando intensivamente sua distribuição espacial e a compreensão do seu entorno. A prática de campo tem um papel fundamental nesse prelúdio dessa vertente, onde as análises geofísicas e o reconhecimento de vestígios compõem o principal encargo do arqueólogo, com isso tem-se que a Arqueologia da Paisagem em como uma área complementar da arqueologia prática, que está direcionada para o estudo do meio que o sitio se insere (COPE, 2008).

Essa abordagem da arqueologia, que está mais voltada para o ambiente busca o entendimento da extensão espacial mais ampla, em relação às várias sociedades que habitaram e utilizaram a região, por um período (KORMIKIARI, 2000). Assim é possível fazer um diálogo cultural, sobre a construção e reprodução de ligações entre os indivíduos e determinados locais, entendendo a sua importância e significação para o grupo, possibilitando deste modo, um fortalecimento das heranças patrimoniais (principalmente, no que toca a sociedades indígenas) (IDEM).

Tendo o ambiente como principal objeto de estudo, a arqueologia da paisagem, tem como objeto de análise os locais onde o ser humano se manifesta, materializando determinados comportamentos no espaço que o mesmo frequenta,

assim consagrando a paisagem, que não é passiva aos seus caprichos e se faz presente como influenciadora nos seus fazeres e interações com espaço. Dessa maneira, a análise das complexas inter-relações que as pessoas mantêm com seus meio-ambientes, é um caminho possível para alcançar o indivíduo, acessando assim, as significações e atribuições de lugares no espaço.

A paisagem como algo dinâmico, também torna as relações culturais construídas sob ela dinâmicas, onde os mundos antropogênicos se originam, estruturando e incorporando os princípios fundamentais para as atividades culturais, dessa forma as mudanças no comportamento humano, deixam marcas na paisagem, sendo, produtos dos processos culturais. Dessa forma a paisagem pode ser lida como um texto, que foi escrito no meio ambiente natural e cabe a arqueologia da paisagem decifrar os códigos deixados pelas sociedades pretéritas (KORMIKIARI, 2000).

Cabe a arqueologia da paisagem, compreender sistematicamente a dinâmica relacional entre os diversos níveis de organização e interação entre cultura e a paisagem, onde a mesma faz-se integradora do registro arqueológico (FAGUNDES & PIUZANA, 2010).

### **1.3. A análise e interpretação do território**

O território como, dito anteriormente, trata-se de um espaço livre, onde são manifestadas as vivências dos indivíduos com a cultura e o meio ambiente, assim antes que sua análise se realize, é necessário fazer um reconhecimento da área, a fim de buscar elementos que vão se adequar aos métodos que podem ser utilizados na sua interpretação.

O reconhecimento arqueológico da região, juntamente com a aplicação dos métodos deve proporcionar leituras mais sofisticadas de como o espaço foi utilizado pelas sociedades pré-históricas (SANJUAN, 2005).

A base teórica para esses estudos se fundamenta principalmente na Ecologia Cultural, que traz uma sistematização e desenvolvimento de metodologias arqueológicas, para o entendimento das relações que os indivíduos possuem com os nichos ecológicos. Tais relações envolvem os mecanismos de interação econômica, política e social que vão compor o sítio arqueológico, dessa forma, busca-se acessar como essas sociedades se desenvolveram tanto em macro

escala, abordando uma espacialidade regional como em micro escala, quando investiga-se apenas locais mais específicos (SANJUAN, 2005).

Desse modo vai pensar-se na aplicação de algumas das técnicas apresentadas por Sanjuan (2005), para o melhor entendimento da região a ser estudada, tais métodos podem ou não se adequar à análise e os mesmos são:

### **1.3.1. Análise de Captação de Recursos**

A análise de captação de recursos (ACR) indica, possíveis áreas dinâmicas entre o nicho ecológico e uma comunidade humana, tal interação abarca transformações no campo social, tecnológico e cultural, como também na natureza do ambiente que está sendo explorado (SANJUAN, 2005).

Quando se trata de influências entre as pessoas e a natureza, é importante ter-se em mente conceitos como territorialidade - na visão arqueológica, é uma área habitualmente explorada, que se baseia em conhecimentos adquiridos referentes a esse espaço – e territorialidade econômica - que se fundamenta na área entorno do sítio arqueológico, onde se exerce qualquer tipo de economia (HIGGS & VITA-FINZI, 1972).

As áreas de captação de recursos são modelos criados para entender como os indivíduos utilizam o espaço, para suprir suas necessidades. Em tais modelos, é abordada a relação entre a distribuição espacial do sítio arqueológico e as áreas potenciais para exploração, partindo deste ponto, as ACR irão variar de dimensão e formato de acordo com os meios e distâncias a serem percorridas. Os recursos que podem ser analisados variam entre, matéria prima para confecção de instrumentos líticos, depósitos de argilominerais para a produção de vasilhames cerâmicos, áreas favoráveis para plantio, drenagens, etc.

### **1.3.2. Teoria do Lugar Central**

A Teoria do Lugar Central (TLC) é um método que indica o abastecimento de determinados bens e serviços em uma localidade, estabelecendo um ponto central e ramificações dos bens que tal ponto vem a fornecer (SANJUAN, 2005).

Para que esse método seja aplicado, faz-se necessário ter-se a presença de um determinado produto e sua distribuição espacial. Com isso, sua aplicação adequa-se a momentos, onde se começa a ter um aumento na produção de diversos objetos e o seu consumo se expande para os arredores do ponto de fabricação do mesmo.

Em um contexto histórico, é facilmente visível a circulação de objetos, sendo possível averiguar o local de fabricação do objeto e até onde ele foi comercializado, determinando as possíveis Teorias do Ponto Central. Já em um contexto pré-histórico, onde as relações de comércio ainda não são bem definidas, melhor dizer menos conhecidas e a produção de bens ocorre de forma familiar ou coletiva, onde cada um confecciona seus utensílios, para a elaboração de atividades cotidianas. (ARNOLD, 1997).

### **1.3.3. Polígono de Thiessen**

O Polígono de Thiessen (PT) é um método utilizado para demarcar áreas teóricas de influência ou territorialidades teóricas, ou seja, são áreas de influência que se baseiam em medidas de tendência central, criando suas fronteiras (SANJUAN, 2005).

São amplamente utilizados pelos estudos da Arqueologia Espacial processualista quando o alvo era definir a hierarquia de um conjunto de sítios, sem fronteiras explícitas ou conhecidas (CONOLLY & LAKE, 2006), ou compreender as redes de relações sociais entre distintas populações com base nas suas interações económicas (LOCK, 2009 apud OSORIO, 2014). Os Polígonos de Thiessen geram uma divisão do espaço físico que pode ser usada como substituto da área de influência dos núcleos habitados (SANJUAN, 2005).

A delimitação dos Polígonos ocorre com a marcação das mediatizes entre os pontos que são analisados, sendo possível ocorrer somente com a marcação mínima de três pontos, formando assim as áreas de influência entre assentamentos, que são definidas mediante a proximidade e densidade dos sítios, não considerando fatores culturais que compõem as questões de territorialidade dos grupos. Essa é uma das críticas para utilização desta análise territorial (SANJUAN, 2005).

## **1.4. Cultura, Cultura Material e Arqueologia**

Um dos fatores que difere os seres humanos dos outros seres vivos é sua capacidade ao se relacionar com o meio ambiente e com seus semelhantes, de produzir ou atribuir elementos culturais, ou seja, realizar determinados padrões que possuem significados que são definidos pelo grupo, que de certa forma, servirá como uma linguagem para o seu entendimento e construção de mundo. Assim, tem-se que cultura é um sistema de significados que compõem a organização social de

determinado grupo, que é transmitido e perpetuado por seus integrantes (LARAIA, 1986). Geertz (1973), elabora um conceito de teia de significados, culturalmente estabelecidos, que se torna deveras importante em um estudo arqueológico.

Tal componente de extrema importância, na construção de identidades e de meios integradores de uma sociedade (a cultura), tem como produto, mas não um produto banal e sim, algo de extrema significância, a cultura material, isto é, qualquer modificação do meio físico com comportamentos culturais, previamente definidos (DEETZ, apud LIMA, 2010).

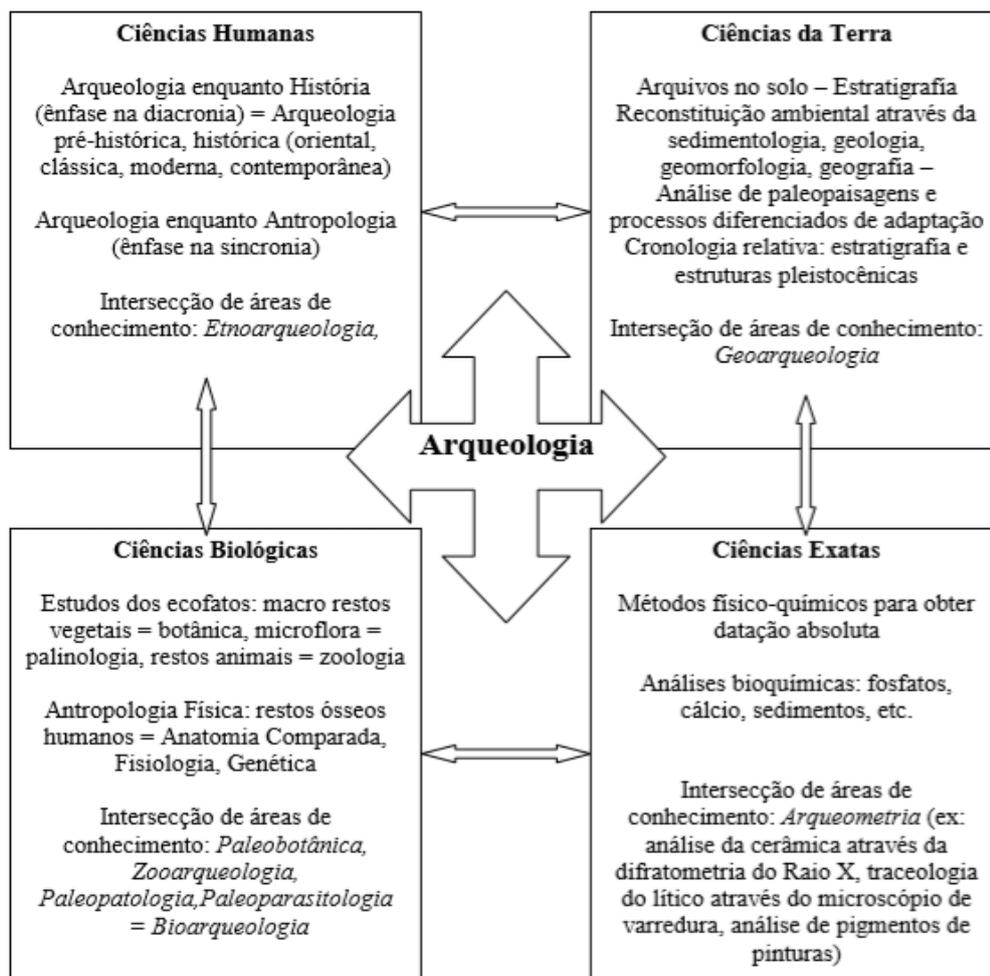
Tais componentes indissociáveis e constituintes a existência humana, fazem parte do principal objeto de estudo da arqueologia, ciência histórica e social que se dedica a produção de conhecimento sobre os modos de vida das pessoas que existiram no passado, através da cultura material.

Por apropriação social convém pressupor que o homem intervém, modela, dá forma a elementos do meio físico, segundo propósitos e normas culturais. Essa ação, portanto, não é aleatória, causal, individual, mas se alinha conforme padrões, entre os quais se incluem os objetivos e projetos. Assim, o conceito pode tanto abranger artefatos, estruturas, modificações da paisagem, como coisas animadas (um animal doméstico), e, também, o próprio corpo, na medida em que ele é passível desse tipo de manipulação (deformações, mutilações, sinalizações) ou, ainda, os seus arranjos espaciais (...) (BEZERRA, 1983, p.112).

A arqueologia é tida como uma ciência interpretativa, já que não a possibilidade de visualizar como os fenômenos culturais ocorreram antigamente, apenas tem-se acesso aos vestígios deixados por seus produtores. Dessa forma, os dados arqueológicos são produtos da sistematização entre a teoria e a prática arqueológica, onde ocorre a apropriação teórica dos elementos que são identificados e por fim sua conceitualização, essa criação de postulados ou análises, vão sendo estabelecidas dependendo do ponto de vista do pesquisador, lembrando que nada é neutro, por mais que o arqueólogo tente ter uma posição neutra para a sua pesquisa, elementos ideológicos e pessoais vão ser incrementados no resultado final do seu trabalho (COPÉ & ROSA, 2000).

Para melhor compreensão e aprofundamento das relações que os vestígios arqueológicos possuem com o meio ambiente, faz-se necessário, utilizar outras áreas do conhecimento, para que seja possível obter o máximo de dados para fundamentação das interpretações realizadas pelo pesquisador. Deste modo, a arqueologia atua de forma multi e interdisciplinar com outras ciências, principalmente

ao que se refere às geociências – para a compreensão da formação de sítios arqueológicos, composição geofísica e química dos solos, etc.. A antropologia - para o entendimento dos comportamentos sociais e formação das sociedades – da história – para obtenção de fontes – entre outras áreas do científicas que vão ser necessárias para formulação do conhecimento referente ao passado (COPÉ & ROSA, 2000).



**Figura 1 Representação referente à multidisciplinaridade na produção de conhecimento arqueológico.**

Fonte: COPÉ & ROSA, 2008.

A arqueologia como produtora de formas de saber da antiguidade, não o passado vê como algo completo e estático. As interpretações realizadas pelos arqueólogos são feitas no presente, ou seja, conhecimento do passado sendo construído na atualidade, dessa forma mantém o passado vivo, no aqui e agora. É um processo ativo, que constrói uma união entre presente e passado, através da

cultura material, quebrando assim dicotomia existente entre os dois tempos (COPÉ & ROSA, 2000).

A prática arqueológica produz discursos referentes ao seu objeto de estudo. Tais discursos compreendem a realização de pesquisas empíricas que resultam na descoberta e no estudo dos objetos e tem como consequência a transformação do mesmo, em uma transcrição em palavras, ou seja, a cultura material se transforma em texto. Possibilitando assim, diversas interpretações, pois tal como bem físico, o artefato possui diversos significados, que englobam a materialidade envolvida no seu processo de inserção na sociedade (IDEM).

Tendo a cultura material como texto, a arqueologia não se limita há apenas ler seus símbolos, mas busca uma forma de escrever sobre esse passado que está sendo representado pelos artefatos, tornando-os inteligíveis (COPÉ & ROSA, 2000). Assim, busca compreender a totalidade contextual envolvida nos fenômenos culturais do passado, de modo a tentar acessar como o comportamento humano se manifestou através dos objetos, que são resultados de ações sociais de um grupo (FAGUNDES & PIUZANA, 2010).

A arqueologia como ciência que lê o passado na sua forma, no espaço e no tempo por meio das manifestações materiais que atores sociais produziram e não estão mais presentes (LIMA, 2011). Dessa forma, esse campo do conhecimento vem com o intuito de acessar ao máximo os significados e as materialidades existentes nos artefatos, para que essa construção social seja entendida, por meio de metodologia e embasamentos científicos (COPÉ & ROSA, 2000). Porém, acima de tudo, a arqueologia deve ter como resultado um processo de aceitação desses elementos do passado na sociedade atual, para que se tenha um fortalecimento de uma identidade coletiva, assim protegendo e valorizando os elementos que constituem as bases história da sociedade moderna a qual existimos.

### **1.5. Cerâmica e sua Classificação**

Há 26.000 anos, o homem começa a fazer figuras de argilominerais cozidas a uma temperatura de 500 a 800°C, por volta de 11.000 mil anos com o surgimento da agricultura, a utilização da argila queimada passa a ser confeccionada na produção de recipientes mais resistentes e duráveis (COPÉ & ROSA, 2000).

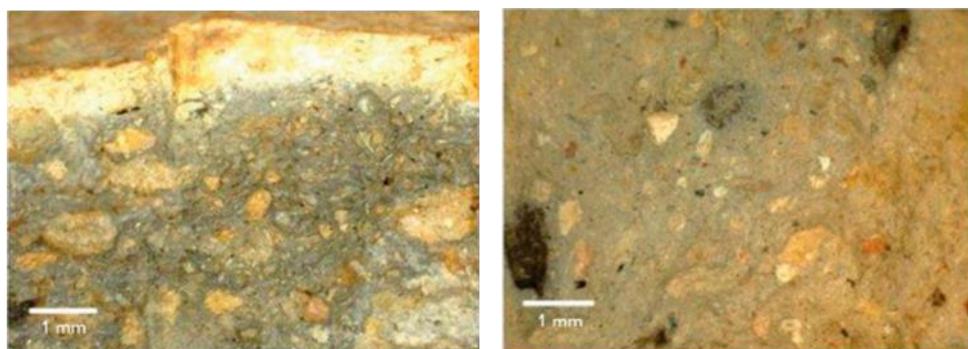
A cerâmica é vista dentro do contexto arqueológico do sítio e parte-se da caracterização da tecnologia para compreender os aspectos culturais das sociedades pretéritas.

A cerâmica é uma referência arqueológica de conteúdos sociais e econômicos que é útil na caracterização de culturas e como um identificador de etnias. (LA SALVIA & BROCHADO, 1989, p.23).

A cerâmica é composta por três matérias-primas básicas: a argilominerais, os antiplásticos e água. Os argilominerais são sedimentos de grãos finos que se tornam plásticos ou moldáveis quando úmidos, a maioria não é composta puramente de partículas de argila, mas contém uma mistura de elementos de solo maiores, fragmentos de rochas e materiais orgânicos. Esses sedimentos de argila são muito comuns em todo o mundo, embora variem consideravelmente em seu conteúdo mineral e qualidade para a fabricação de cerâmica (SINOPILI, 1991).

Os antiplásticos que são inclusões não-plásticas, como minerais ou matérias orgânicas, podendo ser naturais da composição da argila ou terem sido adicionados propositalmente à pasta, com o objetivo, promover certa maleabilidade na argila e também auxiliar no processo de queima do vasilhame (IDEM).

No contexto brasileiro tais componentes, tornaram-se elementos diferenciadores das culturas ou Tradições Arqueológicas, dessa forma, são logo associados a determinados grupos de vestígios arqueológicos, a cerâmica é uma delas. Dentro de uma vasta classificação de Tradições arqueológicas, tem-se a Tradição Tupiguarani – no contexto cerâmico -, onde um dos elementos característicos é a presença da cerâmica ou caco moído como antiplástico (especificado na figura 2), ela é bastante visível no fragmento cerâmico, sendo facilmente identificada.

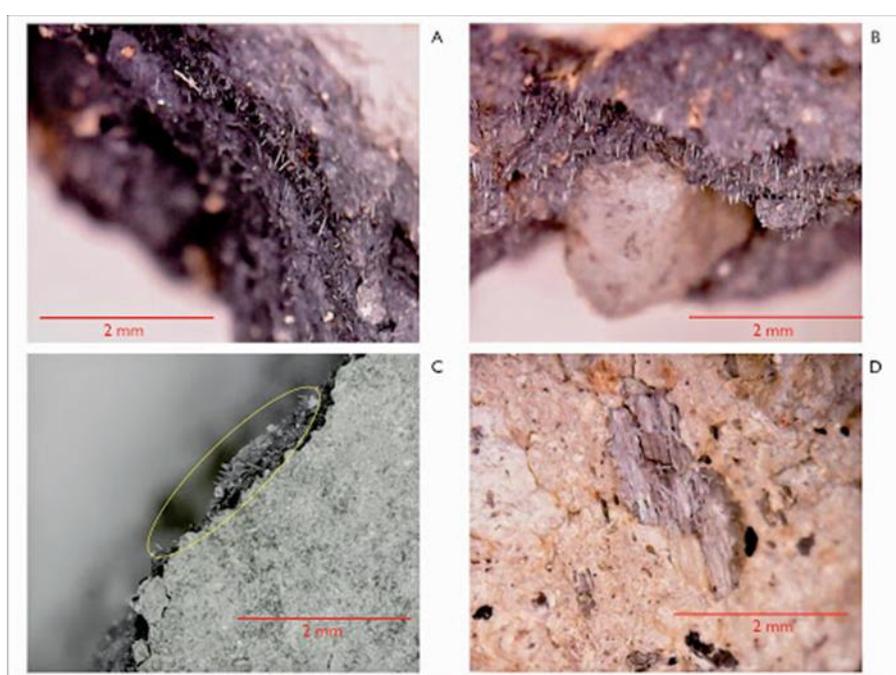


**Figura 2 Especificação de antiplástico caco moído no vasilhame cerâmico**

Fonte: ALVES, M., 2017.

Outro componente que é associado a essa Tradição é o cauixi (figura 3), espongíario de água doce, que também é muito presente nas cerâmicas

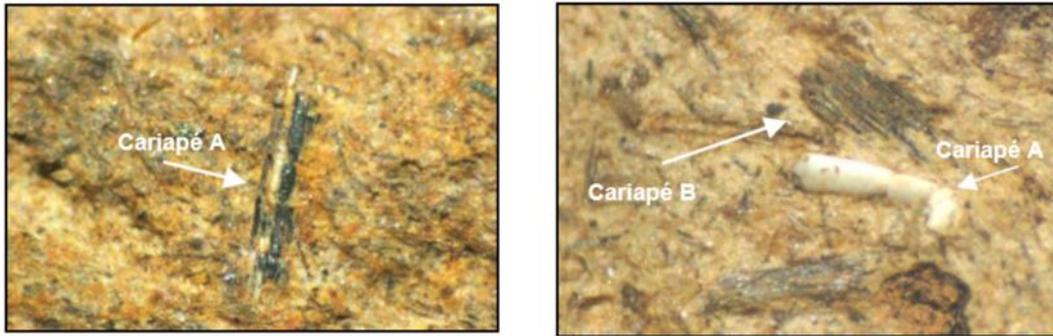
classificadas como Tupiguaranis, porém, vem sendo discutido, que esse elemento pode ter sido apropriado por outros grupos não amazônicos – local de origem -, devido a sua presença em diversas drenagens fora do contexto nortenho. As principais características do cauixi são: “(...) todas as esponjas dulcícolas têm esqueleto de espículas silicosas e esponjina, responsável pela estruturação e sustentação das distintas agrupações celulares” (VIANA; RIBEIRO & OLIVEIRA, 2011) tal esqueleto é frágil, se desintegra facilmente quando secas facilitando o seu processamento e adição a pasta da argila, ou por processos de desintegração e fixação de espículas no depósito formação do argilomineral (IDEM).



**Figura 3 Cauixi no fragmento cerâmico**

Fonte: Rodrigues, 2017.

Continuando com os antiplásticos, ainda tem os de origem vegetal, os quais compõem-se, principalmente, de “cariapé” (figura 4), que se trata de distintas espécies de árvores cujas cascas são ricas em sílica, esse aditivo foi subdividido em A (aparência de um bago de arroz) e B (aparência de bagaço de cana) (WUST, 1986 apud VIANA; RIBEIRO; OLIVEIRA, 2011).



**Figura 4 Presença de Cariapé na cerâmica**

Fonte: OLIVEIRA, 2005.

E por fim, como componente básico e final para a confecção de um vasilhame tem-se, a água, que é adicionada às argilas para torná-la plástica, ele é perdido durante a secagem e queima do vasilhame (SINOPOLI, 1991).

Um fator de extrema importância para a composição da matéria prima dos vasilhames cerâmicos é a questão da plasticidade dos argilominerais, a capacidade de ser moldada e manter sua forma.

Os recipientes cerâmicos são um dos tipos de artefatos mais abundante no contexto arqueológico – que se apresentam, geralmente reduzidos a fragmentos -, servem para uma larga variedade de funções: podem ser utilizados como utensílios em atividades tão diversas como cozinhar, armazenar, servir; podem ter funções rituais, podem ser urnas funerárias ou objetos de prestígio (CRUZ, 2007).

Logo, os vasilhames possuem uma importância central na vida doméstica, com uma variabilidade, de formas, decorações, usos e estilos. Com isso o processo de confecção desses recipientes vai implicar em fatores que melhor se adequem aos seus usos e a sua morfologia, questões como a resistência, a choques térmicos e físicos, a cor e textura também são dois aspectos importantes da aparência final de um vasilhame que são parcialmente definidos pelas matérias-primas utilizadas (SINOPOLI, 1991).

As técnicas de análise necessárias para o estudo da cerâmica ocorrem, principalmente através da observação dos fragmentos cerâmicos, a olho nu e/ou com lupa binocular, permitindo a identificação dos tipos de matérias primas utilizadas, no reconhecimento das técnicas de construção dos recipientes, de acabamento, de queima e do tratamento pós-queima (COPÉ & ROSA, 2000), constituindo assim os atributos técnicos dos vasilhames.

A cerâmica adquiriu assim funcionalidades diferentes: tem tido primordialmente funções utilitárias, mas é ao mesmo tempo um meio de expressão cultural e social. Sua análise é essencial para conseguir acessar tais informações, porém, elas não estão apenas em uma abordagem meramente descritiva, classificatória e técnica, estudos como a etnoarqueologia podem contribuir para o melhor entendimento dessas relações que compõem o arcabouço cultural e social entre a sociedade e a cultura material.

Porém, estudos que compreendem as questões técnicas dos vasilhames, auxiliam no entendimento do funcionamento dessas ferramentas, utilizadas no cotidiano dos grupos agricultores ceramistas.

Sinopoli (1991) traz alguns elementos técnicos que comprometem ou não, o melhor funcionamento dos vasilhames, como por exemplo, em geral as cerâmicas queimadas a baixas temperaturas - menos de 1000°C - são menos resistentes do que as cerâmicas queimadas em temperaturas mais altas. A porosidade de um vasilhame, ocasionada principalmente pela presença de matérias orgânicas na pasta, - que durante o cozimento do vasilhame se desintegra – está relacionada com a resistência cerâmica: quanto mais e maiores os poros, mais fraca, embora os poros também possam ajudar a prevenir ou ocasionar uma ruptura essencial. A seleção de matérias-primas que são resistentes ao estresse térmico produz recipientes para cozinhar em formas que conduzam calor eficientemente.

A experiência da confecção e utilização da cerâmica faz com que seus fracassos e sucessos, tenham desempenhado um papel fundamental na capacitação dos ceramistas para entender as características e o comportamento de suas matérias-primas (RYE, 1976, apud SINOPOLI, 1991).

Assim, tem-se que cada categoria de uso de vasilhame requer uma combinação diferente de atributos de acordo com suas necessidades, tornando-se multiusos: por exemplo. o mesmo vasilhame pode ser usado para transportar água e armazená-lo ou para preparar alimentos e consumi-los (SKIBO, 1992).

Um norteador para a análise de vestígios arqueológicos cerâmicos, ocorre com o estabelecimento de classificações, que favoreçam os critérios investigativos e fundamentais da pesquisa arqueológica.

(..) um tipo é a unidade básica de classificação arqueológica, definido por um conjunto consistente de atributos. Thomas (1998:235), no entanto, deixa claramente expresso que tipos de artefactos são categorias idealizadas criadas pelos arqueólogos para poder

organizar e perceber a cultura material do passado. (...) BICHO, 2006, p.194.

Deste modo, quem estabelece um sistema classificatório, são os arqueólogos, que vão adequar-se ao tipo de material e a um atributo a serem ponderado, nesta pesquisa, utilizou-se a classificação atribuída por Wust (1990), para a determinação da morfologia dos vasilhames da Tradição Una, onde tem-se formas globulares e cônicas, com contornos simples e/ou infletidos, na configuração de pratos, tigelas, pequenas panelas e potes com gargalos (ROBRAHN-GONZÁLEZ,1996 APUD MORALES, 2008; VERONEZE, 1992). O outro material cerâmico que será abordado nesta pesquisa, trata-se de fragmentos da Tradição Tecnológica Tupiguarani, porém o quantitativo de material foi insuficiente para realizar reconstruções e tipologias (SCHMITZ, 1986).

#### **1.6. Interfaces entre Tecnologia, Técnica e Aspectos Funcionais**

O desenrolar de processos técnicos e estudos tecnológicos, são interfaces que tem como conseqüências o desenvolvimento da ciência e da sociedade. Dessa forma, faz-se necessário esclarecer que técnica e tecnologia são elementos distintos, porém complementares.

Tecnologia é o estudo das técnicas, ou seja, do arcabouço metodológico da elaboração de gestos predeterminados e das cadeias operatórias, do aprofundamento sobre os aspectos físicos da matéria-prima a ser transformada, etc (FOGAÇA, 2002).

Já a técnica, trata-se da forma que o homem vem manipulando o meio natural que o cerca, buscando assim, a dominação pelo meio não humano (CRESSEWELL, 1989). Porém, a técnica não se limita a esse contexto dos processos de fabricação de objetos, ela torna-se produtora de relações sociais, criando vínculos entre o homem e o meio ambiente. A técnica terá sempre um agente, uma matéria-prima e, eventualmente, um instrumento (IDEM)

(...) o papel geral da técnica na sociedade, existe um acordo unânime: através dela o homem (cf. ainda anthropos, homo) passou de uma fase natural a uma cultural (cf. natureza, natureza/cultura) que se traduz no saber manipular e também dominar — com objectos expressamente construídos (cf. mão/manufacto, produtos, objecto, utensílio) — o ambiente e os recursos que nele se encontram. Todavia uma série de problemas surge quando se pretende examinar e definir a relação entre técnica e ciência, e quando se pretendem

atingir as relações entre técnica e estrutura da sociedade. (CRESSWELL, 1989 p.26).

As técnicas são acima de tudo, produções sociais,

Um dos elementos que compõem o manancial das técnicas, é a Cadeia Operatória, fator de extrema importância para o entendimento do funcionamento de qual atividade a ser desenvolvida. A mesma, trata-se de diversos componentes que agregam-se ao saber fazer das técnicas, ou seja, é a captação da matéria, o tempo envolvido no preparo da mesma, do local, dos conjuntos de gestos, instrumentos utilizados, da confecção do objeto, dos indivíduos participantes, entre outros (IDEM).

Então, vê-se que a esfera social, faz-se muito presente no desenrolar de uma cadeia operatória.

A confecção de cerâmica também envolve uma cadeia operatória, ou seja, um processo que inicia desde o esquema mental de um indivíduo, de acordo com as necessidades ou vontades para a produção de um objeto, o manejo e/ou aquisição de matéria-prima, às técnicas aplicadas na estruturação de um objeto, na sua queima para o caso da cerâmica e tratamentos finais de superfície (CRESSWELL, 1989).

Como mencionado acima, a cerâmica envolve uma série de componentes que acarretam a sua forma final, que deve ser ideal para exercer sua função. Assim, para o melhor entendimento da relação funcional que o objeto deve vir a desempenhar, é deveras importante levar em consideração alguns termos, que complementam a interface de utilização dos objetos. A partir dessa associação, quando se trata de uma análise da tecnofunção dos objetos, é importante considerar tais termos:

- **Função:** se designa a funcionalidade e utilidade de algo (Dicionário Virtual Priberam). Sackett (1977 apud SKIBO, 1992), aborda a função dentro de um contexto social, a função é a performance da tecnologia de uma sociedade, que de acordo com Skibo (1992) se trata da tecnofunção de um objeto - aspectos utilitários de uso do objeto, que variam de duas maneiras, uma delas sendo o uso pretendido e outra o uso específico. Este uso específico refere-se à função em si do objeto. Ambas as formas de uso devem ser estudadas, já que elas fornecem informações para uma reconstituição tecnofuncional do objeto, que leva a entender melhor sua relação social.

O aspecto funcional de um artefato reside na maneira como a sua forma serve a um determinado fim e o aspecto estilístico

reside na variante étnica ou escolha isocréstica em que esta forma surge, ou seja, nas escolhas tecnológicas (SACKETT, 1977 apud DIAS, 2007, p. 65)

A cerâmica nada mais é do que um componente que engloba a cultura material, através dela pode-se ver diversos traços culturais que refletem a sociedade que a produziu, porém vai, além disso, ela não se trata apenas de algo passivo dentro da sociedade, mas como algo que atua no crescimento de quem a produziu e integra o meio em que está inserida (ARNOLD, 1997). Um vasilhame cerâmico pode vir a ter diversos aspectos utilitários de uso, já que a cerâmica se molda de acordo com a cultura (IDEM) e com as necessidades e vontades de seu usuário, com isso sua variabilidade artefactual será grande (SKIBO, 1992).

- **Funcionalidade:** abrange todas as formas de uso desempenhadas pelo objeto (MORENO DE SOUSA, 2014. apud: ORTEGA, 2016), porém não depende do tipo de conteúdo a ser processado, armazenado e/ou servido (ORTEGA, 2016). Diferentemente da função, que se restringe a um tipo de conteúdo e seu uso específico, a funcionalidade abarca aspectos utilitários gerais (IDEM).

- **Funcionamento:** são processos que fazem um mecanismo realizar sua função (SIGAUT, 1991 apud ORTEGA, 2016). É como um utensílio é utilizado, de maneira a envolver um gesto aplicado e uma manipulação específica (ORTEGA, 2016). A aplicação de elementos que favorecem o uso do objeto, como apliques, alças, tampas entre outros, também fazem parte do funcionamento.

Desde o começo da produção de um vasilhame, é preciso ter-se em mente qual é a necessidade que o recipiente irá suprir. Para que se pense em uma morfologia que se adeque ao seu uso.

## 1.7. Tradições e Fases Arqueológicas

Em um dos momentos de relevância para as pesquisas arqueológicas no Brasil, onde grande quantidade de sítios arqueológicos foram identificados e

analisados, houve a necessidade de esquematizar as informações que estavam sendo processadas pelos pesquisadores.

Dentro de uma vertente estritamente classificatória e que busca determinar modelos de ocupação, tendo em vista as cronologias e modos de vida das populações nativas da América, o histórico-culturalismo (corrente teórica, que marca presença nos primeiros estudos arqueológicos no Brasil), auxilia na compreensão do funcionamento das sociedades paleoindígenas que se estabeleceram no território brasileiro. Assim, por meio da cultura material, são estabelecidos conjuntos de artefatos, que se assemelham quanto a sua morfologia, função e/ou funcionalidade, matéria-prima, entre outros elementos que compõem um objeto confeccionado por um indivíduo (DIAS, 2007).

A partir de um contexto onde, em diversos sítios arqueológicos, foram identificados artefatos semelhantes surgem a aplicação dos conceitos de Fase, Tradição (IDEM).

No caso dos grupos ceramistas recentes optamos por utilizar o conceito de “tradição arqueológica”. Essa conveniência classificatória largamente empregada na arqueologia brasileira traz em seu bojo algumas limitações. Ela oferece contornos definidos e estanques para grupos sociais que certamente apresentavam variâncias culturais, lingüísticas e cosmológicas. Sua utilização reforça categorias de limitado alcance cultural e sociológico (WÚST 2000 apud MORALES, 2007, p.81).

Willey & Phillips (1956) enfatizam que há uma relação entre as unidades básicas arqueológicas e a continuidade temporal representada pela persistência de técnicas únicas em determinados espaços – referente a Tradição. Quanto a Fase trata-se um uma unidade arqueológica que possui traços culturais suficientes para se distinguir de outras manifestações, porém limita-se quanto ao seu vigor temporal e espacial.

Há uma série de definições para os conceitos abordados acima, mas tomando como referência Chmyz (1976) que estabelece Fase como “qualquer complexo de cerâmica, lítico, padrões de habitação, relacionado no tempo e no espaço, em um ou mais sítios” e Tradição, esta é definida como “grupo de elementos ou técnicas que se distribuem com persistência temporal” (CHMYZ, 1976).

Assim, durante as pesquisas arqueológicas tende-se a encaixar os artefatos que são identificados nos sítios arqueológicos, seguindo as Tradições e Fases que

já foram estabelecidas, porém ao seguir esse viés, limita-se diversos aspectos culturais que constituem esses artefatos.

Ao considerar os aspectos de identidade étnica e de representações sociais concernentes aos artefatos que não executam o risco de cair em generalizações, onde um número determinado de caracteres como decoração, forma e antiplástico foram os tidos como o uso para criar uma tradição arqueológica denominada Tupiguarani , relacionando-o ou com uma família lingüística do mesmo nome, sem considerar as especificidades culturais, sociais e cosmológicas dos vários grupos dessa família, enquadrando todos em um grande bloco cultural homogêneo (MORALES, 2008, p. 26).

Um artefato, não é apenas um objeto confeccionado pelo homem ou mulher, de determinada sociedade, ele interage com meio social e natural em que está inserido. Os elementos culturais que estão impregnados em cada etapa da sua confecção dele, o torna uma fonte riquíssima, para a compreensão do entendimento da sociedade que o utiliza. Existem uma série de materialidades que fundamentam um objeto e elas tendem a descentralizar o papel do homem, como algo primordial para a sua existência, mas fornecendo ao objeto em si, poder suficiente para fazer-se solene no contexto em que está inserido.

### **1.8. Atores, Redes e Transcendência da Materialidade**

O planeta Terra é composto por uma série de elementos, que integram um organismo vivo e movimentam todo um sistema vital para o seu desenvolvimento. Existem alguns elementos que compõem esse organismo, que pensam ser os mais importantes e inteligentes de toda a diversidade que estrutura este planeta. Esses elementos possuem uma sistematização linguística e cultural que de fato, os diferencia das outras espécies, através dela conseguiram “dominar” a natureza e a produção de coisas e mais coisas consolida todo esse poder. Porém, esses seres que julgam ser superior a todos, começaram a esquecer de que tudo tem um mesmo valor e que o mundo que o os cerca pode sem dificuldades, desenvolver sem eles (HARARI, 2020).

A forma de ver o mundo, tendo como centro os seres humanos, as pessoas, como seres superiores que dão vida a objetos inanimados, que constroem toda uma estrutura simbólica para o seu desenvolvimento, gera uma questão dualística, onde sempre se têm dois componentes que se digladiem, sendo as “coisas” e a natureza. Há uma abordagem metodológica, ou melhor, uma forma de enxergar as relações

que constroem a sociabilidade entre pessoas e natureza, que busca quebrar a questão do antropocentrismo na pesquisa.

Essa metodologia intitula-se como Teoria Ator-Rede, fundamentada por Latour (In: FREIRE, 2006), onde o seu principal objetivo é oferecer novas interpretações para o que acontece no mundo. Para melhor consolidar essas interpretações e instigar os cientistas a seguirem caminhos diferentes dos mais técnicos e formais, tem-se alguns conceitos que são atribuídos nessa teoria, eles já fazem presentes no próprio nome (Ator e Rede).

A Teoria Ator-Rede (TAR) tem como elementos fundamentais o conceito de ator e rede, que se expressam da seguinte forma. O Ator é definido como o efeito de suas consequências, ou seja, é o que ele faz e não o que ele é, não a sua forma externa, mas sim o que o define internamente (FREIRE, 2006). E, sobretudo é algo que produz um segmento no mundo, ou seja, pode ser algo humano e/ou não-humano (Actantes), desde que tenha uma ação ativa no meio que o cerca. A Rede define-se como fluxos que interligam e modificam os actantes, como a si mesma. Não é estática e não tem uma forma exata, são conexões que se determinam através dos seus agenciamentos que constroem totalidades abertas que vão em todas as direções, concebendo multiplicidades, que crescem à medida que modificam o meio em que estão inseridas.

Assim, Rede e Ator agem juntos, transformando e modificando as informações existentes no meio em que ela se desenvolve. A TAR designa-se então a como descrever os fenômenos que surgem com a interação da rede dos atores, é a descrição da ação realizada por esse emaranhado de alianças entre atores humanos e não-humanos (FREIRE, 2006).

A metodologia que fundamenta uma pesquisa guiada pela TAR propõe então o princípio de simetria generalizada, no qual tanto a natureza quanto a sociedade deveriam ser explicadas a partir de um quadro comum e geral de interpretação. A aplicação da TAR não se estrutura na aplicação da mesma, mas sim na forma como ela se desenvolve ou se envolve com o que está sendo analisado, pois é necessário os atores falarem por si mesmos e buscar apontar com total descrição como esses fenômenos ocorrem, sem priorizar nenhum ponto de vista (IDEM).

Dessa forma TAR é sobre como investigar, desconstruindo as fronteiras existentes entre as ciências naturais e as ciências humanas, ela é definida pelos coletivos e introduz os objetos as ciências sociais. Atribuindo relevância as “coisas”,

tirando-as da inercia que o homem moderno aplica as “coisas”, assim os objetos “mortos”, ganham vida nos diversos contextos em que eles se encontram (INGOLD, 2012).

De acordo com Hodder (In: COSTA & GOMES, 2018), entre as “coisas” e as pessoas existe uma relação de dependência, onde uma não existe sem a outra. Desde os primórdios da evolução da espécie hominídea, o que auxiliou o seu despertar foi a capacidade de produção de instrumentos e o saber fazer dos mesmos (MITHEN, 2002). Essa dependência ocorre, devido a necessidade de fundamentar um sistema sobrevivência, onde cada um desses elementos – as “coisas” e as pessoas – se relacionam, criando assim um emaranhado de relações dependentes - o que podemos associar com a Rede de Latour (COSTA & GOMES, 2018).

Diferente de Latour, Hodder fundamenta que a relação entre “coisas” e pessoas, sempre ocorrera de forma assimétrica, alcançar a simetria entre a dependência dos dois elementos é uma visão utópica, visto que o emaranhado dessas relações gera uma codependência mútua que não contempla qualquer estabilidade (IDEM).

Outro fator deveras importante, para a compreensão da relação entre pessoas e objetos -, é a impossibilidade de separá-los, quando se analisa meio relacional dos indivíduos. Os objetos passam a ser mediadores das ações humanas, adquirindo agência (COSTA & GOMES, 2018).

Essa agência dos objetos de acordo com Moraes (2004) possibilita o entendimento da materialização de diversas tradições culturais através dos objetos, é um processo ativo e reflexivo para a compreensão das ideologias, valores e crenças de quem produziu os artefatos. Assim, os contextos arqueológicos devem ser abordados tendo em mente essa materialidade das culturas, pois as mediações existentes entre pessoas e “coisas” estão expressas no meio de trabalho do arqueólogo (ROBB, 2010 apud COSTA & GOMES, 2018).

As abordagens mencionadas acima revelam aos objetos uma agência, onde o ser humano e as “coisas” se relacionam tanto de forma simétrica como assimétrica, dependendo um do outro para existirem no mundo. Ingold (2012) desconstrói uma série de conceitos que foram abordados, analisando os objetos por um viés de “coisa”, mas não como algo banal e sim como uma transcendência, um fluxo de materiais.

Assim, o autor conceitua e diferencia “coisa” de objeto, onde a “coisa” é viva, transcende sua forma física e existe por si só, como também está em constante transformação. Já o objeto, é apenas uma superfície, que é utilizado, não possui nenhuma essência no seu ser. Apenas é. Essa diferenciação de “coisa” e objeto faz-se relevante quando o mundo é composto por “coisas”, mas os indivíduos tendem a considerá-las como inertes, estáticas e maleáveis ao seu bel-prazer.

Contudo, o próximo passo para compreender melhor como as “coisas” se manifestam no mundo, seria aplicar uma agência a ela, porém Ingold (2012) contrapõem a questão da agência das “coisas” que Latour e Moraes defendem. A agência para o autor nada mais é o processo de tirar vida das “coisas”, ou seja, deixá-la sem sua força vital que a integra na malha de fluxos existentes na habitabilidade do mundo, “coisas” se movem e crescem porque elas estão vivas, não porque elas têm agência.

Com efeito, tomar a vida de coisas pela agência de objetos é realizar uma dupla redução: de coisas a objetos, e de vida a agência. A fonte dessa lógica redutivista é, acredito, o modelo hilemórfico. (INGOLD, 2012, p.34)

Outro ponto que Ingold rebate quanto a TAR, é a como a rede se estrutura, no seu ponto de vista, ela limita o desenvolvimento das “coisas”, onde a rede é uma teia “ramificante” que fornece o crescimento da “coisa” e não o progresso por si só. A rede uniformiza a distribuição de fluxos para os seus componentes, diferente da malha de fluxos que é estabelecida na interação das “coisas”, essas movimentações possuem diversas intensidades e direções.

os fios de uma teia de aranha não conectam pontos ou ligam coisas. (...) Eles são as linhas ao logo das quais a aranha vive, e conduzem sua percepção e ação no mundo. (...) as linhas-fios da teia colocam as condições de possibilidade para que a aranha interaja com a mosca. Mas elas não são, em si, linhas de interação. Se essas linhas são relações, então elas são relações não entre, mas ao longo de (...) (INGOLD, 2012 p.40).

Com isso, conclui-se que as “coisas” são como processos em constante transformação, que por mais que se tente não conseguimos capturá-las. A malha é a interação das “coisas” com o mundo, ou os fluxos e contra fluxos que acontecem quando existe vida dentro de um ser.

E sim, as “coisas” estão vivas, são vivas que transcendem sua forma externa e modificam todo o meio que estão presentes.

## **CAPÍTULO 2. MÉTODOS**

A arqueologia utiliza diferentes abordagens para desenvolvimento de suas pesquisas, onde o caminho que elas perpassam, buscam o auxílio de diferentes campos do conhecimento, como também cada abordagem tem métodos e análises específicas, que variam de acordo com o material a ser estudado e dos objetivos da pesquisa. Neste TCC, basicamente, foram utilizados três objetos de estudo: o espaço e sua territorialidade, a cultura material, no caso a cerâmica e seus aspectos morfofuncionais e a materialidade e agência das “coisas” que agrupou e estruturou a discussão da pesquisa.

Assim, iniciando com a questão da espacialidade do Complexo Serranópolis, onde se investigou e aplicou métodos de análise espacial que corroboraram com a melhor compreensão do território e da dispersão dos grupos agricultores ceramistas que ocuparam a área.

Dessa forma, seguindo os métodos de territorialidade expostos de SanJuan (2005), que implica na análise de captação de recursos, Teoria do Lugar Central e Polígono de Thiessen.

Portanto as análises espaciais auxiliam no entendimento da compartimentação ambiental e delimitação de territórios no complexo, explanando as potencialidades de uso do espaço e a materialidade engloba a relevância de buscar informações além das estruturas físicas, seja ela o espaço ou a cultura material e acessar as relações simbólicas e culturais que fundamentam o contexto arqueológico.

### **2.1. Análise de Captação de Recursos**

Para a aplicação de tal método, utilizou-se a pesquisa desenvolvida por Lima (2018/19), que visava estabelecer as possíveis áreas de captação de argilominerais que são a matéria prima para a confecção de vasilhames cerâmicos.

Para estabelecer tais pontos para captação de matéria prima, Lima (2018/19) se baseou em referências como HIGGS & VITA-FINZI (1972), estabelecendo um raio de cinco quilômetros a partir de um ponto fixo, que no caso foi o sítio arqueológico GO-JA-02. Após a delimitação do raio, a pesquisadora realizou coletas de amostras do solo, das quais algumas foram submetidas à

Difratometria de Raios-X, para detectar os elementos constituintes do solo e compará-las com o material cerâmico, visando estabelecer possíveis áreas de captação.

## **2.2. Teoria do Lugar Central**

Esta teoria é melhor aplicada em contextos onde havia a comercialização de objetos, a execução de tal método para o Complexo Serranópolis, torna-se um tanto inviável, pois apenas o sítio GO-JA-01 foi escavado sistematicamente e em parte de maneira mais detalhada, onde o quantitativo de material arqueológico, atingiu mais de 1.000 fragmentos cerâmicos e 3.000 líticos entre lascas, instrumentos e etc, enquanto que nos outros sítios as escavações ocorreram por amostragem, gerando vestígios arqueológicos mal alcançavam a casa das dezenas.

Entretanto, a aplicação deste método, concretizou em um mapa onde o sítio arqueológico GO-JA-01 estaria no centro e os demais abrigos onde identificaram fragmentos cerâmicos seriam ramificações do ponto central, que possui maior quantidade de material.

Quanto a distinção de tipologia do material cerâmico, tem-se duas Tradições ceramistas distintas, que são a Tradição Tecnológica Una e a Tradição Tecnológica Tupiguarani.

## **2.3. Polígono de Thiessen**

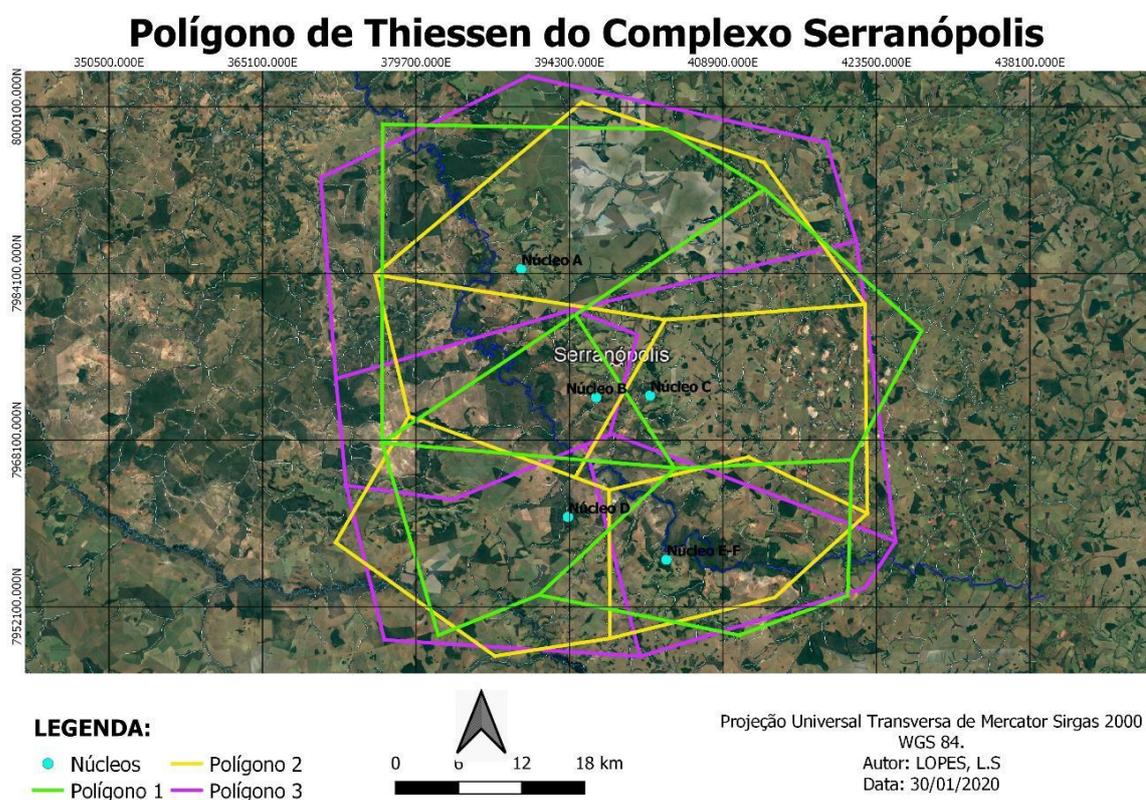
Este método foi o mais explorado dos três, pois ele determina áreas de territorialização, ou seja, regiões de interação entre indivíduos e o meio ambiente, seu desenvolvimento ocorre por meio de operações estatísticas, onde mediatrizes são traçadas e com o fechamento das mesmas formam-se os polígonos, determinado as áreas de influência.

A aplicação deste método no Complexo Serranópolis, foi realizada por meio do software QGis, com o georreferenciamento das imagens de satélite do Google Earth Pro, para visualização a paisagem do Complexo (SILVEIRA, 2020).

Inicialmente, foram confeccionados mapas, demarcando a localização dos sítios arqueológicos e as áreas de abrangência do Polígono de Thiessen, que não continham informações relacionadas sobre a compartimentação ambiental, que é de extrema importância para a melhor compreensão das relações territoriais do Complexo.

O Complexo Serranópolis é dividido em seis núcleos (A; B; C; D; E e F) e, como a proximidade dos sítios interfere na delimitação das áreas de influência do Polígono, houve a necessidade de agrupar os Núcleos E e F.

Como resultado elaborou-se três mapas com as possíveis áreas de influência do Polígono de Thiessen para o Complexo Serranópolis, ou seja, identificando os eventuais territórios de circulação dos grupos que habitaram cada Núcleo. Os dois primeiros mapas foram confeccionados com o auxílio da ferramenta Polígono de Veronoi, do Software Q.GIS, enquanto o terceiro (Mapa 1), as áreas de influência foram estipuladas através da compartimentação ambiental, explicitando a variabilidade dos polígonos, possibilitando as diferentes utilizações do território.



**Mapa 1 Resultado final da aplicação do Polígono Thiessen**

Fonte: LOPES, 2020.

#### **2.4. Análise morfofuncional do material cerâmico**

A morfofuncionalidade é um método de análise que visa compreender as formas de utilização de objetos e relacioná-la com sua morfologia. Assim, a cerâmica identificada no Complexo Serranópolis, passou por tal processo de verificação das

possíveis formas de uso, contudo, não houve contato de fato com o material cerâmico – pois apenas uma quantidade diminuta de 16 fragmentos cerâmicos estão presentes no Laboratório de Arqueologia IGPA/PUC-GO, que não viabilizou a análise morfofuncional e o restante do material foi transferido para o Instituto Anchietano de Pesquisa em São Leopoldo, RS. Deste modo baseou-se em referências bibliográficas (SCHMITZ & BARBOSA, 1985) e desenhos dos vasilhames das duas tradições presentes no Complexo - Tradição Una e Tradição Tupiguarani.

A atribuição de elementos morfofuncionais abrange uma série de fatores, que se estabelecem desde a composição da pasta até a sua forma final. Assim, tendo como referências as reconstituições dos vasilhames, a morfologia dos mesmos foi de suma importância para a divisão dos diferentes tipos de uso, que foram estabelecidos de acordo com Skibo (1991) e Sinopoli (1992), tendo em mente as principais funções dos vasilhames cerâmicos, processamento, transporte e o armazenamento.

Essa abordagem metodológica, fez com que a pesquisadora aprofundasse mais na cerâmica, de fato buscando compreender as relações que os vasilhames têm com o contexto social, cultural e por fim com o meio.

## **2.5. Materialidade e o universo das coisas**

A materialidade é um campo da ciência, onde se buscam os significados das coisas, assim a cerâmica do Complexo Serranópolis foi considerada como um agente ativo na construção social do grupo que a produziu.

Os vasilhames cerâmicos interagem com os indivíduos, desde a sua confecção até o seu descarte. Assim, esta abordagem, um tanto subjetiva supriu as incertezas da pesquisadora, que se desvinculou de métodos mais rígidos e foi lhe apresentado o universo das coisas, onde tudo está em constante integração, tudo e todos compõem o meio em que estão inseridos.

A reflexão baseada nos pressupostos de Ingold (2012) busca compreender a cultura material através da transcendência de suas capacidades físicas. A relação que ela desenvolve com o meio, é de suma importância, porque é isso que a torna uma “Coisa”, são os fluxos de vida que estão incorporados nelas que desenvolvem uma relação afetiva entre a sociedade e as coisas.

## CAPÍTULO 3. COMPLEXO SERRANÓPOLIS

### 3.1. Caracterização Ambiental

Os abrigos que configuram o Complexo Serranópolis fazem parte da Bacia Sedimentar do Paraná, que abrangem as Formações Geológicas Serra Geral e Botucatu.

Litologicamente a Formação Botucatu é constituída de arenitos vermelhos, finos a médios, comumente silicificados, quartzosos, bem classificados e arredondados. Localmente podem ocorrer porções conglomeráticas na base. Estratificações cruzadas, planas e acanaladas, de grandes dimensões são comuns e características desta unidade. Ocorre em discordância erosiva sobre os sedimentos do Grupo Passa Dois, e na porção superior, em contato térmico com os basaltos da Formação Serra Geral ou em discordância erosiva com os 38 sedimentos da Formação Cachoeirinha.

Compreende-se como Formação Serra Geral um espesso pacote de rochas vulcânicas situadas na Bacia do Paraná, formadas por uma extensa sucessão de derrames, que ocorrem desde a borda norte, em Goiás e Mato Grosso, até seu extremo-sul, já fora do território brasileiro (GORDON JR. et al., 1943, apud GOIÁS, 2003). Trata-se de derrames vulcânicos predominantemente de natureza basáltica, ocorrendo, porém, de forma restrita, pulsos de composição ácida e intermediária. As rochas basálticas apresentam-se normalmente com aspecto maciço, cor cinza-escura, granulação fina a média, ocasionalmente com a presença de amígdalas e muito fraturadas (SCOPEL, 2005 p.37-38).

Assim, tem-se que os abrigos do Complexo são constituídos por arenitos parcialmente silicificados, de colorações entre o vermelho, o verde e o branco. O desgaste ou intemperização diferencial da rocha, por conta da variação da intensidade da cimentação do arenito devido ao metamorfismo de contato com o basalto, associado aos planos de fraturas e estratificações, favoreceram a formação dos abrigos. Cabe destacar que essas variáveis também são responsáveis pelo contínuo processo de desgaste dos abrigos, e que o arenito e a ação antrópica são os responsáveis pelos processos erosivos da região, contribuindo para o aumento de areais próximos aos abrigos (Rubin et al 2017 e 2020).

As áreas abrigadas são diversificadas e numerosas ~~extensas~~ sendo propícias para a fixação de grupos humanos e, pensando na produção cultural, existem ricas fontes de matéria prima para a confecção de instrumentos líticos, boas áreas de captação de argilominerais para confecção de vasilhames cerâmicos, bem como de minerais e rochas fornecedoras de pigmentos para as

pinturas rupestres. Todavia o ambiente também dispõe grande diversidade de flora e fauna.

Serranópolis abrange uma região predominantemente de Cerrado, de acordo com Ribeiro e Walter (1998) e apresenta fisionomias que englobam formações florestais, savânicas e campestres, onde as plantas permanentes possuem sistemas radiculares profundos, com algumas espécies cujas raízes chegam a atingir entre 5 e 10m (In: SCOPEL, 2005).

### **3.2. Contexto Etnográfico Regional**

A pesquisa arqueológica tem como objeto de estudo, os artefatos, enquanto a etnografia, o estudo as pessoas, o Outro e o etnógrafo tal como o(a) arqueólogo(a), busca compreender o funcionamento do sistema social em que o sujeito investigado está inserido.

Dessa forma, durante esse entendimento do Outro, o pesquisador realiza uma série de métodos específicos, para que consiga produzir as fundamentações necessárias, para a resolução das questões postas por ele. Com isso, os resultados dessa pesquisa etnográfica são deveras importantes para o arqueólogo, que se serve dessas fontes para contextualizar as sociedades em que os artefatos se fazem presentes, tendo uma melhor compressão desses contextos e de como as estruturas sociais, culturais e simbólicas eram exercidas por tais sujeitos.

A etnografia constata questões de diversos âmbitos, onde as ações do Outro se consagram no que se chama de cultura e em como as pessoas se relacionam, tanto entre si e com o meio. Esse “Outro”, seria qualquer sujeito, diferente ou não inserido no mesmo sistema social do pesquisador, assim muitos estudos etnográficos são voltados para grupos nativos, no caso do território americano, os povos pré-coloniais ou ameríndios (ROCHA & ECKERT, 2008).

Dessa forma, as pesquisas etnográficas oferecem informações sobre os diversos grupos indígenas que ocuparam e ocupam o território brasileiro, pois estes são os verdadeiros conhecedores da estrutura que fundamenta o país e que fortalece a suas cosmologia e razão de viver, roborando-se com os recursos naturais e manejos corretos da biodiversidade existente no território.

Assim, os ameríndios são tidos como potenciais fontes de estudo para os etnógrafos, no Brasil colonial o contato com tais povos era constante, onde muito se

aprendeu sobre o funcionamento do território, os colonizadores souberam tirar bom proveito dos saberes dos nativos e se adaptaram a nova terra, buscando novas formas de exploração de recursos naturais, o ouro foi um deles (PEDROSO, 1994).

Com o levante das demandas pela corrida ao ouro, a sua exploração levou para o reconhecimento do interior do país, como também o conhecimento de diferentes povos que ocupavam essas novas áreas que seriam exploradas pelo colonizador.

A região de Goiás foi uma dessas áreas, no mesmo estado se estabeleceram muitos arraiais, que tinham o intuito de consolidar pontos fixos para os trabalhadores que iam explorar as fontes auríferas. No decorrer de tal processo, ocorreram muitas interferências entre os indígenas e os estrangeiros, deste modo os relatos de viajantes e cronistas são deveras relevantes para o entendimento desses contatos e conflitos (MAGALHÃES, 2015).

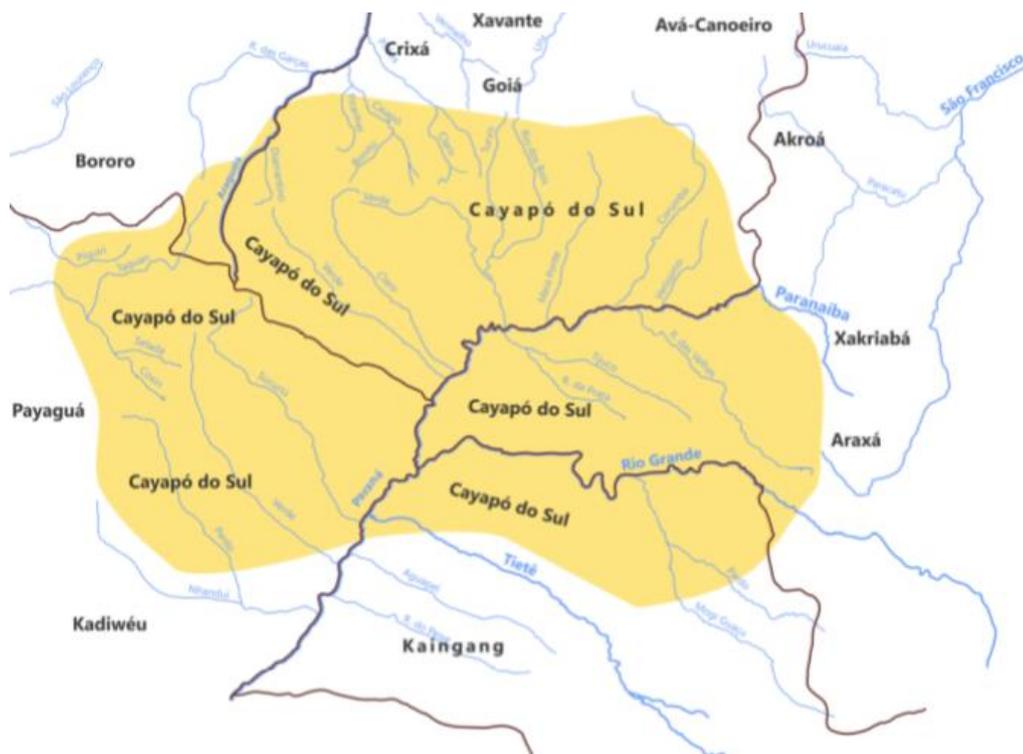
É através desses relatos que se tem noção dos grupos indígenas que ocupavam a região de Serranópolis, área de estudo desta pesquisa, com isso, realizar um balanço etnográfico dos povos que por ali perambularam.

Para que se tenha uma percepção do que identificar na região, pois todo grupo humano deixa marcas pelos lugares que frequenta, tais vestígios são reconhecidos pelos(as) arqueólogos(as), e quando já se possui um conhecimento prévio de como essas marcas se manifestam, mais fácil é sua identificação e estudo. Assim, as pesquisas etnográficas são de suma importância para o entendimento da manifestação das relações humanas no tempo e no espaço e cabe ao arqueólogo tirar bom proveito desses indícios para melhor consolidar suas investigações.

Por conseguinte, com base em dados etnográficos, se tem que na região do Complexo Serranópolis, era frequentada por grupos Kayapó, Bororo, Avá-Canoeiro, Guarani, entre muitos outros, entretanto de acordo com Nimuendaju (1981) os mais constantes são referentes aos Cayapó do Sul (figura 5), que tem uma melhor contextualização nesta pesquisa.



estado de Goiás (ATAÍDES, 1991), Serra dos Caiapó, em Caiapônia (PEDROSO, 1994), norte do estado de São Paulo; Triângulo Mineiro até o norte do Mato Grosso do Sul (EHRENREICH, 1891 apud MAGALHÃES, 2015), norte do Mato Grosso e Serra do Cachimbo a oeste do estado do Pará (TURNER, 1992). Os Kayapó do Norte localizam-se a oeste do rio Araguaia, baixo Xingu até os afluentes do rio Tapajós (TURNER, 1992), sul do Pará e norte do Mato Grosso (ATAÍDES, 1991).



**Figura 6 Mapa de distribuição espacial dos Cayapó do Sul**  
Fonte: VASCONCELOS, 2013

É importante saber que os grupos indígenas, deslocam-se constantemente pelos territórios que lhes agradam, tanto culturalmente, como em relação aos recursos que o meio pode vir a prover. As áreas de deslocamento dos Cayapó do Sul se caracterizam por áreas de mata de galeria, áreas de transição como o cerrado e próximos a cursos de água (TURNER, 1992).

Asnis (2017) realizou um levantamento etnográfico e arqueológico do grupo étnico Cayapó do Sul, fornecendo novas interpretações e um mapeamento dos grupos pré-históricos e históricos, que ocupavam as regiões: sul de São Paulo, do triângulo mineiro e sul de Goiás. Analisando os resultados de escavações arqueológicas num total de 13 sítios arqueológicos e em fontes documentais, que se referiam ao contato entre o colonizador e os nativos.

O grupo Cayapó do Sul sofreu demasiadas transformações em sua organização social e estrutura cultural com o passar do tempo, em razão do contato com os colonizadores (TURNER, 1992), causando uma série de atribulações como a quase extinção do grupo, devido a guerras constantes. Os primeiros contatos ocorreram durante as entradas para o interior do país, em busca das minas de ouro, descobertas pelo bandeirante Bartolomeu Dias, alcançando o coração das aldeias Cayapó (IDEM).

Em 1707, o primeiro contato realizado por Belchior Carneiro, no sul do Pará, próximo ao rio Araguaia encontra-se com um grupo indígena que foi denominado como Bilreiros, devido a uma arma que esses nativos tinham grande apresso e a levavam sempre consigo, a arma lembrava a forma de um bilro. Em 1723, nas proximidades do rio Paranaíba no estado de Goiás, Pires de Campos identifica um grupo, que os chama de “Caiapó”, a partir dessa data os contatos tornaram-se vez mais constantes e agressivos (ATAÍDES, 1991).

Os Cayapó do Sul permaneceram relutantes na entrada do homem branco em seus territórios, atacando os comboios dos viajantes nas estradas de Vila Boa, Cuiabá e a caminho de São Paulo, dificultando as atividades auríferas na região e transporte de mercadorias (PEDROSO, 1994).

O grupo, sempre foi tido como extremante violento, em razão das desavenças com o colonizador, devido aos ataques constantes a tentativa de expansão para o sertão, o governo português declara guerra aos Cayapó do Sul, por volta de 1746 e 1751. Os indígenas tinham uma relação muito forte com a guerra, com isso não desistiram tão facilmente, trazendo consequências drásticas a sua comunidade.

(...) Felizes os panariás, que não ouviram o conselho de Romexí, e se ficaram nas cabanas de Caiapônia! Infeliz de mim, que assisto magoado ao desaparecimento dos meus súditos e daqueles que acompanharam o altivo Xaquenau, o invicto Pupuarê e o poderoso Cunâ-puaxí. Melhor fôra tivesse morte gloriosa, ferido pelo trovão da morte, nos assaltos à aldeia dos brancos, ou nas tocaias dos bororos, do que assistir à extinção lenta da flor da juventude panariá. (...) Aconselhai aos nossos irmãos que aproveitem as sombras da noite e fujam separadamente. (...) Ensejo de um chefe de aldeia Karaja, para seus parentes Cayapó (Chaves, 1943, p.54)

O conflito armado com o passar do tempo tornou-se insustentável para ambos os lados, tendo como trégua o aldeamento dos indígenas na Aldeia de São José de

Mossâmedes e futuramente na Aldeia D. Maria I. De início os indígenas, estavam resistentes à ideia de serem aldeados, porém logo cederam (ASNIS, 2017).

**Tabela 2 Histórico de contato do grupo étnico Cayapó do sul**

<b>1607</b>	Primeiro contato no sul do Pará, próximo ao rio Araguaia com os grupos Bilreiros, que futuramente serão denominados como Cayapó do Sul.	
<b>1722</b>	Primeiro relato histórico de contato com o grupo Primeiras bandeiras para o sertão goiano	
<b>1742</b>	Grande Guerra	Ataques cada vez mais constantes as caravanas
<b>1746 - 1751</b>		Declaração de guerra contra os Cayapó
<b>1780</b>		Tentativa de aldeamento - os conflitos bélicos tornaram-se insustentáveis
<b>1781</b>	Construção do aldeamento D. Maria I	
<b>1782</b>	Dominação dos indígenas no aldeamento	

Fonte: ASNIS, 2017; ATAÍDES, 1991

Quanto aos resultados das pesquisas arqueológicas nas três regiões estudadas, os vestígios cerâmicos que se relacionam a presença do grupo étnico Cayapó do Sul, remete a Tradição Tecnológica Ceramista Aratu-Sapucaí (ASNIS, 2017). Alguns aspectos técnicos dessa cerâmica sofrem certas modificações, dependendo de influências e contato com outros grupos que circundam os locais de decorrência do material, por exemplo, a intrusão de elementos da Tradição Tecnológica Tupiguarani, onde a morfologia do vasilhame corresponde a Tradição mencionada acima, porém na pasta estão presentes componentes característicos de vasilhames Tupisguarani (PROUS, 2006).

Retomando a associação entre os Cayapó do Sul e os Panarás, muitos pesquisadores fundamentam suas teorias com base na semelhança linguística existente entre os dois grupos e a exclusividade de tais semelhanças quanto associadas a outras línguas do tronco linguístico Maro-Jê; outra associação é a autodenominação dos Cayapó do Sul, que se denominam como “Panarias”, o que se aproxima com o termo Panará (VASCONCELOS, 2013).

Quanto ao contexto histórico e de contato dos Panarás, tem-se que de acordo com os Cayapó do Sul, sofreram muitas baixas populacionais devido ao contato com os bandeirantes e até mesmo com o agrupamento com aldeias inimigas, como o que ocorreu em 1975 com a transferência dos Panarás para aldeia dos Metuktire, aumentando o número de mortes (VASCONCELOS, 2013).

**Tabela 3 Panorama histórico de contato com o grupo étnico Panará**

<b>1950</b>	Foram identificados	
<b>1968</b>	Expedição dos irmãos Vilas Boas	
<b>1973</b>	Aumento de mortalidade	Primeiro contato com a equipe da expedição
<b>1975</b>		Transferência para o P. N. Xingu (Aldeia Kretire)
		Transferência para a Aldeia Suya
<b>1976</b>	Construção da 1ª aldeia Panará no P. N. Xingu	
<b>1991</b>	Recuperação populacional dos Panará	

Fonte: VASCONCELOS, 2013

Com o apoio dos irmãos Vila Boas, em 1976 houve outra transferência dos integrantes do grupo Panará, para que eles se estruturassem em outra região no Parque Nacional Xingu, onde ali conseguiram construir sua primeira aldeia, como consequências dessa nova organização houve um aumento populacional dos indivíduos Panará, com isso melhor fundamentaram-se as tradições culturais que estavam se perdendo devido à desintegração constante do grupo (VASCONCELOS, 2013).

Assim, pesquisadores como Giralдин (2000), reforçam que houve uma continuidade etnohistórica entre os dois grupos mencionados e que em algum momento ocorreu uma separação dos Cayapó do Sul, surgindo assim os Panará, que seriam seus remanescentes. Dessa forma Giralдин, elaborou um mapa com a dispersão espacial dos Cayapó do Sul-Panará (figura 7).

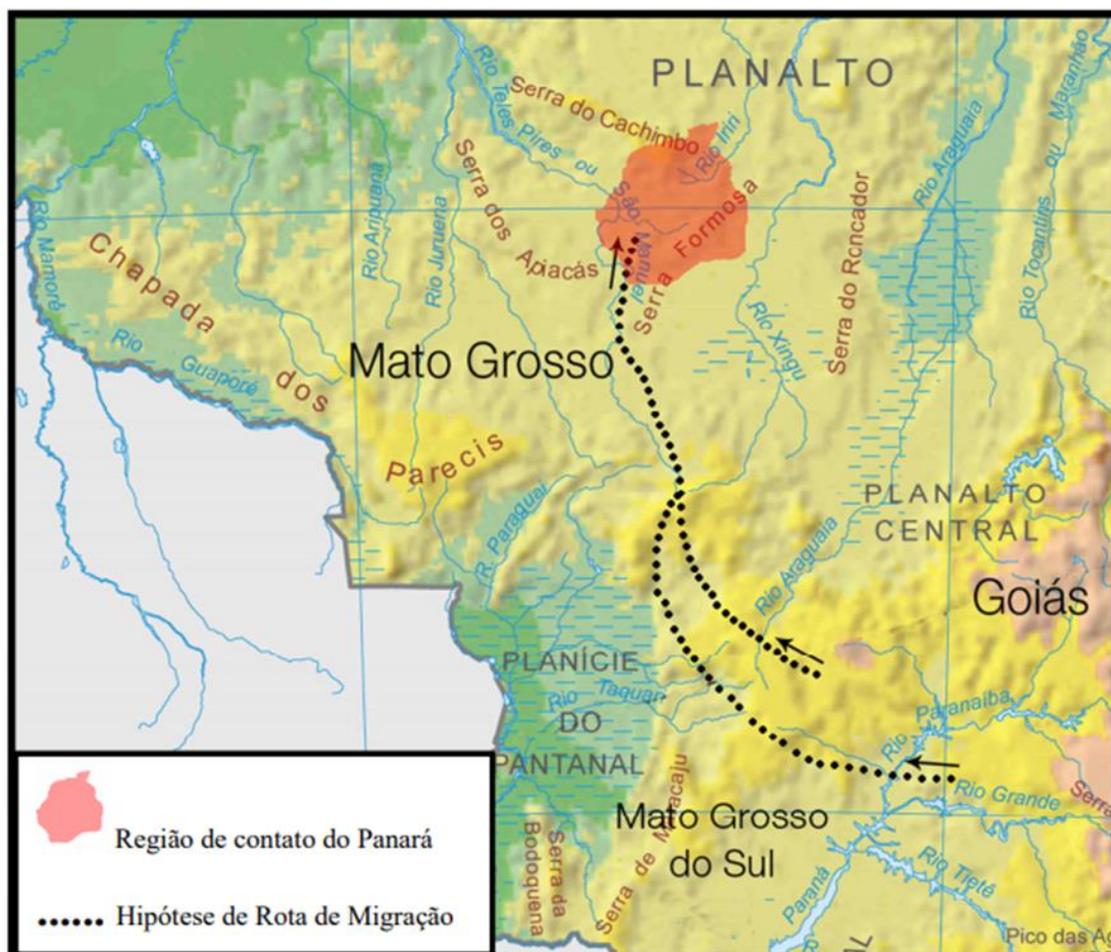


Figura 7 Mapa e dispersão dos Cayapó do Sul-Panará

Fonte: VASCONCELOS, 2013

O mapa da figura 7 remete há uma região próxima do Complexo Serranópolis, sendo uma hipótese de que grupos Cayapó do Sul poderiam ter ocupado os abrigos de Serranópolis, mesmo que fosse por pouco tempo e /ou com grupos menores. Entretanto para melhor consolidar tal hipótese faz necessário aprofundar em estudos da cultura material desse grupo, que foi uma das problemáticas desta pesquisa, não há informações referentes a cultura cerâmica dos Cayapó do Sul.

Tabela 4 Semelhanças culturais entre Panará e Cayapó do Sul.

Confecção de flechas	Semelhança linguística
Uso do forno de terra	Localização dos antepassados dos Panará
Autodenominação dos dois grupos corresponde a palavra: panaria	Disparidade quanto a relação com outros grupos do tronco linguístico Jê
Corrida de torra	

Fonte: VASCONCELOS, 2013

### 3.2.2. Bororo

Os Bororos são o grupo étnico mais estudado do Brasil, um dos aspectos relevantes dessa cultura, são seus ritos funerários, que mobilizam toda a comunidade para que se realize a passagem do falecido para o mundo dos mortos, a complexidade e paixão demonstrada nesse ritual intriga qualquer pessoa que entre em contato com tal evento. A morte não é vista como o encerramento da vida, mas sim a integração do morto com toda a comunidade, sua alma se internaliza através das manifestações culturais e vivências de cada membro do grupo (ZAGGO, 2005).

A ligação com a morte e rituais que se vinculam a ela fazem parte da estruturação social dos Bororos, seu sistema social ocorre de forma dual e clânica, onde a natureza e as relações entre os membros da sociedade integram todo seu sistema social constituindo um sistema complexo de organizações. Eles pertencem ao Tronco Linguístico Macro-jê e autodenominam-se como Boé, Bororo se refere ao centro da aldeia (WUST, 1999).

Os membros de aldeias próximas mantinham redes de relações sociais relativamente estreitas, especialmente durante os rituais funerários e as migrações sazonais em cujas rotas figuravam também aldeias vizinhas (WUST, 1999, p.306).

O território tradicional desse grupo localiza-se no Sudoeste do Mato Grosso, na região do rio Vermelho, sua extensão com indeterminada, porém, ocupavam áreas de cerrado, cerradão, matas ciliares e locais com vegetação típica do Pantanal. Assim tem-se uma diversidade de biomas que favorecem a integração entre os seres humanos e o meio que é extremamente importante para a cosmologia Bororo (IDEM).

Entretanto o contato com o colonizador teve consequências drásticas no quesito da estruturação das aldeias Bororo. As grandes aldeias que suportavam cerca de 10 mil indivíduos foram reduzidas a acampamentos em locais acidentados e de difícil acesso, a agricultura foi substituída pela caça e coleta como principal fonte de subsistência (ZAGO, 2005).

Durante os primeiros contatos, os bandeirantes admiravam a eficiência dos Bororo na luta contra seus inimigos. As emboscadas, cercos, técnicas de batalha, e a eficiência dos guerreiros, tornavam a luta contra os Bororo, tarefa árdua e longa (ZAGO, 2005 p.94).

A aldeia Bororo, não se limita em ser apenas o local de moradia do grupo, nela se estruturam a base cosmológica e social deles, a aldeia e a materialização de seus costumes e vivências, é ali que se vê a estrutura dual entres os clãs e sub-clãs e a integração da mesma com o meio e com os indivíduos (ZAGO, 2005).

Aldeia, como se pode pensar, não é um simples núcleo de povoação mais ou menos disperso que revela uma estrutura. A aldeia é uma unidade psíquico-cultural, que oferece uma configuração característica impossível de ser separada do restante das configurações mentais do povo que ali mora. É a menor unidade demográfica e geralmente exige uma unidade política, dependente, claro, do conjunto de crenças religiosas, sociais, políticas, etc. de seus moradores (ZAGO, 2005 p.44).

Quanto a cultura material dos Bororos, vê-se que a uma mesclagem de tradições, onde aspectos Uru e Tupiguarani se unem na cerâmica, seja na morfologia como na composição da pasta. Esta integração ocorre devido às relações de trocas culturais existentes entre diferentes grupos (WUST, 1999).

### **3.3. Contexto Cultural**

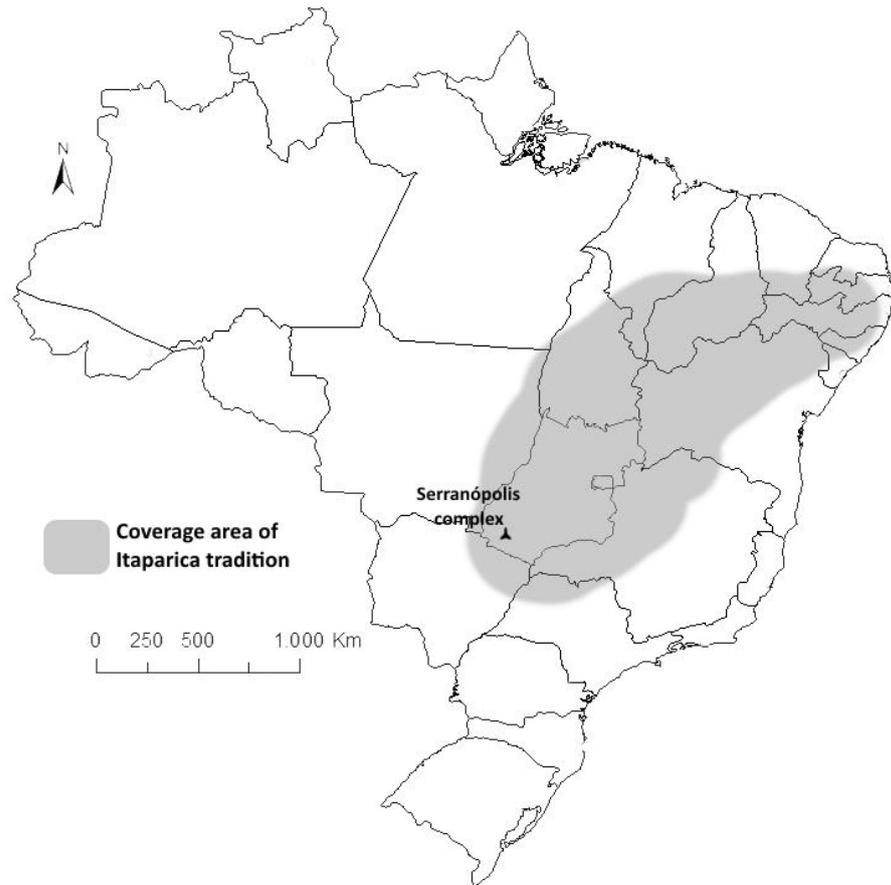
A cultura como elemento que permeia toda a vida de um indivíduo, está atrelada a uma gama de objetos que por vezes caracterizam certos grupos, especificando-os. Assim, a arqueologia histórica culturalista, fez bom proveito disso, criando tipologias de objetos, facilitando a identificação de estruturas no contexto arqueológico.

No complexo Serranópolis tem-se pelo menos, quatro categorias culturais que delimitam os momentos ocupacionais existentes nos abrigos, sendo dois pertencentes a tradições líticas de caçadores coletores e outras duas, como tradições ceramistas de agricultores.

#### **3.3.1. Caçadores Coletores**

##### **Tradição Tecnologia Itaparica, Fase Paranaíba**

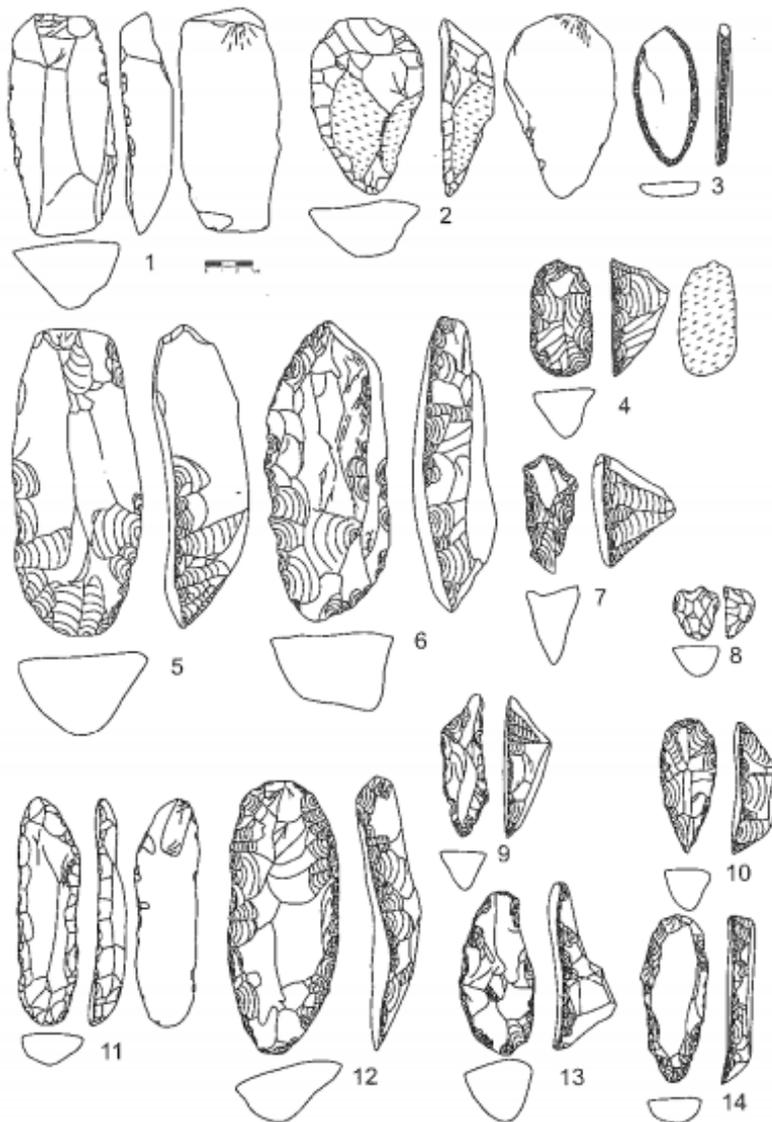
Tal tradição possui as datações mais recuadas do centro oeste do país, que variam entre 11 mil A.P e 9.000 A.P e sua distribuição espacial abrange desde a região Nordeste até o sudoeste do Mato Grosso.



**Figura 8 Mapa de distribuição espacial da Tradição Lítica Itaparica**

Fonte: MORENO DE SOUSA, 2016.

A principal característica que define essa tipologia de materiais líticos é seu formato, que as denominam como planos-convexos ou lemas. Os retoques e complexidade da confecção de tal instrumento demandam muito conhecimento e aprimoramento de técnicas de lascamento. Outro fator principal dos planos-convexos é a sua versatilidade, onde cada face do instrumento pode desempenhar uma função, seja ela de raspar, perfurar ou cortar.



**Figura 9** Representação de Instrumentos líticos, referentes da Tradição Itaparica.

Fonte: SCHMITZ, 2004.

### **Tradição Lítica Serranópolis, Fase Serranópolis**

Essa tradição possui datações que vão de nove mil a sete mil anos A.P, está relacionada a um contexto de mudanças climáticas, que a ser mais quente e úmido, aumentando assim, a quantidade de moluscos terrestres, que são muito expressivos nos abrigos de Serranópolis. Sua presença ocorre nas regiões do estado de Goiás, no Vale do Paranaíba, alto Araguaia e alto e baixo Paraná.

O começo dessa fase tecnológica, não é certo, alguns autores se fundamentam no determinismo climático, que com a mudança climática da região, os indivíduos portadores da tradição anterior se adaptaram, modificando os instrumentos líticos que houve maior simplicidade nas técnicas de confecção e

retoques. Outros estudiosos apontam que a Serranópolis poderia ser uma rota migratória de um grupo que se fixou nos abrigos.

O termino da Fase Serranópolis também não é muito específico, uma das hipóteses é que o grupo poderia ter desenvolvido técnicas de cultivo ou houve um agrupamento com outros indivíduos que já detinham o conhecimento da horticultura.

### **3.3.2. Agricultores ceramistas**

#### **Tradição Cerâmica Una, Fase Jataí**

De acordo com Schmitz (1989), a Tradição Ceramista Una é a mais antiga manifestação de vestígios cerâmicos no Planalto Central, que por vezes está relacionada com o momento de transição dos caçadores coletores para agricultores ceramistas, a datação mais recuada está na faixa dos 2.000 anos A.P. ela faz-se presente nos estados de Mato Grosso, Goiás, Bahia, Tocantins e norte de Minas Gerais (SCHMITZ ET ALL 1989, SCHMITZ & BARBOSA 1985, VILHENA-VIALOU 1994 e WÜST & VAZ 1998 apud MORALES, 2007).

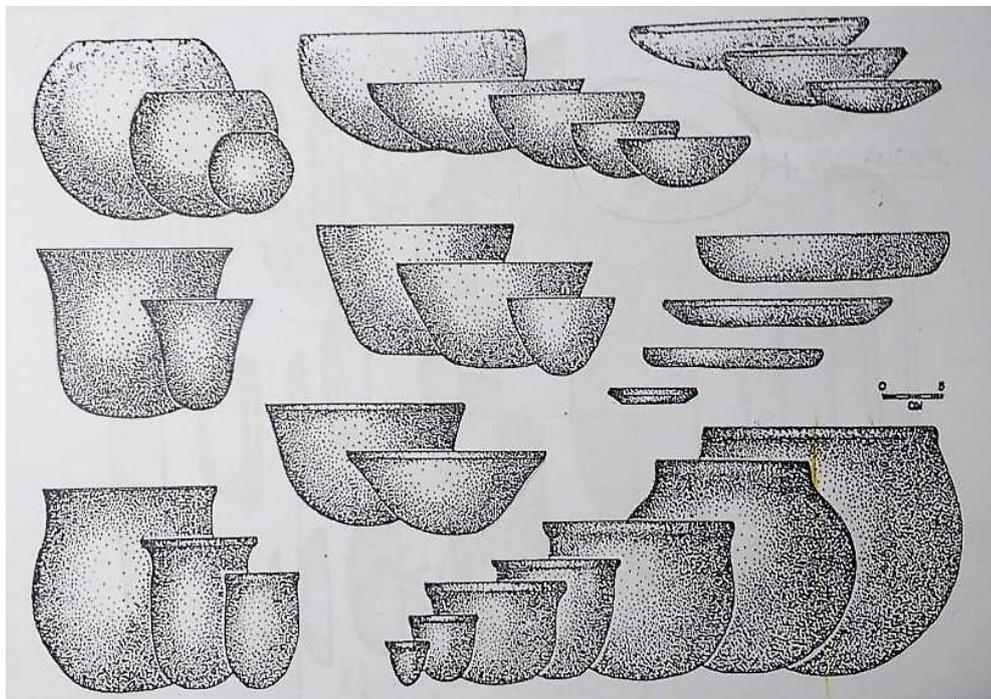
Os sítios arqueológicos relacionados a grupos portadores da Tradição Cerâmica Una costumam ser em abrigos e em menor quantidade vestígios relacionados às tradições Uru, Aratu e Tupiguarani (IDEM).

O número de locais relacionados à Tradição Una é, proporcionalmente, muito reduzido quando associados a essas tradições. Embora se possa supor que o número baixo de sítios identificados possa ter relação direta com baixa visibilidade de vestígios, prospecções sistemáticas e intensivas executadas no vale do rio Paranaíba (junho de 1983) e no Paraguai (junho de 1990), na região de Mato Grosso e Goiás e região do rio Vermelho, respectivamente, demonstraram uma redução mínima de assentamentos, levando a crer que estava realmente relacionada a grupos reduzidos e que, provavelmente, seus assentamentos presentes apenas em determinadas porções do Brasil Central (ROBRAHN-GONZÁLEZ 1996 apud MORALES, 2007, p.73).

A cerâmica identificada em Serranópolis da Tradição Una, Fase Jataí, totalizou em 1.507 fragmentos analisados, onde apenas seis eram decorados. Quanto ao antiplástico caracteriza-se predominantemente pela presença vegetal, o cariapé que se trata de um aditivo de casca queimada de árvores ricas em sílica. Outro tempero utilizado é o mineral, caracterizado por areia com partículas de quartzo bem arredondadas (WÜST & SCHMITZ, 1976).

Os vasilhames possuem formas simples e pequenas dimensões, eventualmente utilizadas apenas em tarefas familiares e não rituais. Sua morfologia

varia entre: tigelas, panelas pequenas e pratos, tendo como características bordas infletidas e não fletidas, bases convexas, aplanadas ou ligeiramente côncavas (WÜST & SCHMITZ, 1976).



**Figura 10 Representação de cerâmica da Tradição Una.**

Fonte: SCHMITZ, 1986.

A decoração é rara, mas, alguns fragmentos possuem incisões, ponteados e impressões de cestarias. Tem-se presente também banho avermelhado na face interna e externa do vasilhame. (Idem)

As características técnicas da cerâmica da Tradição Una, Fase Jataí do Complexo Serranópolis, foram obtidas a partir dos trabalhos de Wust (1976), onde apresenta uma detalhada descrição dos atributos técnicos dos fragmentos cerâmicos identificados durante as escavações do Complexo, que se fundamentam na técnica de confecção, tipo de queima, tipo de antiplástico, tratamento de superfície, entre outros componentes que as caracterizam.

**Tabela 5 Propriedades da cerâmica da Tradição Una**

<b>Antiplástico</b>	Mineral: Quartzo	Vegetal: Cariapé
<b>Manufatura</b>	Rolete – Acordelada	Rolete – Acordelada
<b>Tempero</b>	Quartzo	Cariapé
<b>Textura</b>	Uniforme e compacta	Pouco uniforme e porosa

<b>Cor do Núcleo</b>	Cinza escuro	Preto, cinza claro
<b>Queima</b>	Oxidante incompleta	Oxidante incompleta
<b>Cor da Superfície</b>	Marrom a vermelho escuro	Preto, cinza escuro e marrom
<b>Tratamento Superficial</b>	Alisado	Alisado
<b>Decoração</b>	Não possui	Banho vermelho e incisões

Fonte: SCHMITZ,1986.

### **Tradição Tupiguarani**

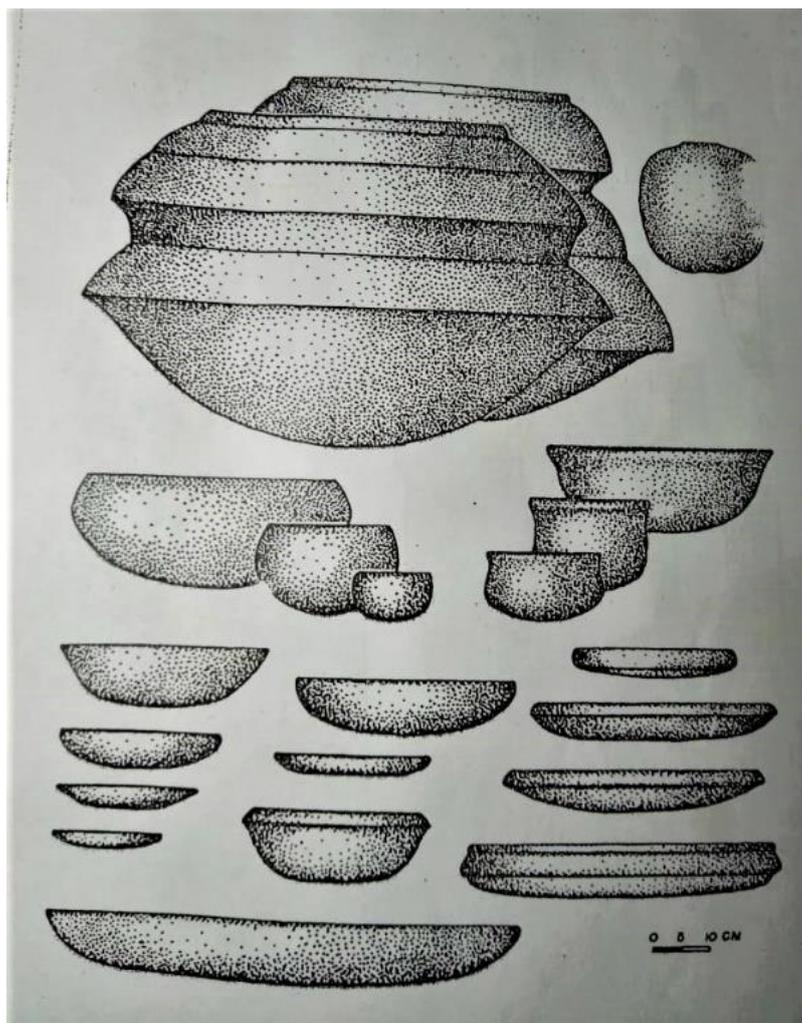
A segunda Tradição Tecnológica ceramista presente no Complexo Serranópolis é a Tradição Tupiguarani, que tem como principais características:

Uma tradição cultural caracterizada principalmente por cerâmica policroma (vermelho e ou preto sobre engobo branco e ou vermelho), corrugada e escovada, por enterramentos secundários em urnas, machados de pedra polida e pelo uso de tembetás. (CHMIZ, 1976, p.146)

A tradição Tupiguarani não está associada diretamente aos grupos falantes do tronco linguístico Tupi-Guarani, porém diversos estudos referentes aos vestígios arqueológicos tem o intuito de buscar uma continuidade entre ambos fatores, o grupo étnico e os artefatos específicos dessa classificação (ALMEIDA & NEVES, 2015).

Seu maior mérito, no espírito histórico-cultural, foi contribuir na definição das rotas de difusão da cerâmica e identificar os tipos de ambientes ocupados (Evans, 1967; Evans e Meggers, 1965; Meggers e Evans, 1973, 1978), sem o propósito de resgatar os processos históricos e sociológicos das sociedades. (PROUS & LIMA, 2016 p.12)

Os atributos politéticos, que caracterizam a cerâmica da Tradição Tupiguarani são o uso de antiplástico de caco moído e/ou mineral, vasos compostos ou complexos, com base convexa ou ovalada, exceto os pratos planos para assar mandioca, vasilhames com decorações plásticas corrugadas, unguladas, digitadas, raspadas, escovadas, decorações estas quase sempre encontradas na parte externa do vaso, assim como decorações pintadas em vermelho, preto e branco, que aparecem como banhos, faixas e/ou motivos geométricos, dentro ou fora dos vasos. (ALMEIDA & NEVES, 2015)



**Figura 11 Representação de Cerâmica da Tradição Tupiguarani Fase Iporá**

Fonte: SCHMITZ, 1986.

Quanto à origem e dispersão da tradição em questão, tem-se diversos dilemas, pois, ela se faz presente em praticamente todo território brasileiro, mesmo sendo em pequena quantidade, como ocorre no Complexo Serranópolis. Primeiramente, o PRONAPA limitou essa tradição as porções litorâneas do país, anos depois com as pesquisas de Brochado e diversos outros pesquisadores, que se concentraram na questão linguística e cultural dos grupos Tupi-Guarani, buscando uma melhor compreensão de seus modos de vida e uma continuidade com as evidências materiais preteritas com os grupos étnicos atuais, estabeleceram determinadas rotas de dispersão e pontos de origem para o grupo.

A diversidade cultural e linguística no tronco Tupi leva os pesquisadores a considerarem o sudoeste amazônico como centro de dispersão dos falantes de línguas tupi, a diversidade cultural e linguística dentro da família Tupi-Guarani

igualmente permitiria considerar a possibilidade de que o sudeste amazônico tivesse sido o centro de dispersão dos grupos dessa família (ALMEIDA & NEVES, 2015). E seguindo os principais rios se dispersou por todo quase todo o território brasileiro.

No complexo Serranópolis, de acordo com Schmitz (1986), a presença dessa tradição ocorre em poucas quantidades de fragmentos presentes na região, totalizando 68 fragmentos cerâmicos, impossibilitando assim a criação de uma tipologia.

## CAPÍTULO 4. DISCUSSÃO

Há diversas maneiras de abordar uma área como a do Complexo Serranópolis, onde existem várias manifestações culturais, um contexto geoarqueológico diversificado, uma paisagem apropriada e construída desde aproximadamente 11.000 anos A.P. até os dias atuais. Nesse contexto a ação humana se intensifica, por vezes acelerando os processos de destruição dos vestígios arqueológicos. Todas essas questões trazem abordagens mais técnicas para o estudo do Complexo, porém neste Trabalho de Conclusão de Curso, abordou-se novas visões para a questão do espaço e da cultura material que estão presentes ali, especificamente para a cerâmica.

Os pontos que basearam essa pesquisa, percorreram por abordagens mais técnicas e estatísticas, para a análise do material cerâmico e do espaço que foram se diluindo no universo da materialidade e construindo novas fundamentações para compreender melhor a utilização do Complexo e da cerâmica.

Assim, desde o começo da pesquisa, buscou-se enfatizar a inquietação existente ao adentrar nos sítios arqueológicos que compõem o Complexo Serranópolis. Pontuar não somente as questões geoarqueológicas e biológicas da área, mas, buscar entender como aquele lugar se fez lugar para as pessoas que o habitavam durante os períodos remotos da pré-história brasileira e, principalmente, estruturar melhor a história existente no planalto central brasileiro.

O Complexo Serranópolis nesta pesquisa foi o lugar para as ansiedades, frustrações e especulações que buscavam um suporte mais científico, algo mais palpável de uma arqueóloga que pretendia ir além da técnica e alcançar de certa forma, a essência daqueles abrigos e da cerâmica.

Esta pesquisa se fundamenta acima de tudo na tentativa para as primeiras impressões de um olhar menos formal para um conjunto de sítios arqueológicos que foram visitados, em como a materialidade não visível faz-se presente naqueles contextos. Ou em ao olhar para o solo e para as paredes buscando fazer um raio-x do que estaria enterrado sob os pés de cada pesquisadora e pesquisador que estavam analisando aqueles abrigos.

Assim também como o que significaria as manifestações rupestres, representadas tanto pelos petroglifos dispostos em locais específicos do

compartimento B, como as pinturas presentes no compartimento A, como no caso do GO-JA-02.

Não ansiar apenas por fragmentos da cultura material dos povos que ali se fixaram, mas pontuar as relações que construíram aqueles momentos de vivência e interação de pessoas que se materializaram em cerâmicas, em instrumentos líticos, em manifestações rupestres.

Os traços deixados por pessoas que se estabeleceram ali, desfrutando de tudo o que o lugar tinha para lhes oferecer e que, proporciona a arqueólogas (os) base para responder problemáticas já formuladas bem como realizar novas perguntas.

Novas pesquisas têm sido desenvolvidas, com o objetivo de averiguar o grau de deterioração das pinturas rupestres quanto a fatores biológicos e antrópicos, para que seja realizada sua conservação e tratamento do suporte rochoso, como também da área ao redor dos sítios para favorecer a preservação das representações.

Como resultados prévios, desse novo levantamento de informações referentes ao Complexo, identificaram-se novos sítios arqueológicos, painéis rupestres como também a novos espécimes faunísticos característicos de ambientes abrigados (MRS, 2019).

Um ponto relevante para essa pesquisa está sendo a nova configuração do Complexo Serranópolis, ao identificar sítios arqueológicos não observados na década de 70, assim a relação existente entre os sítios se modifica, podendo acrescentar novas interações entre o meio e os indivíduos. Com isso, a totalidade do Complexo Serranópolis pode ser reestruturada.

Totalidade essa que, além de se fundamentar em abordagens físicas, onde os pontos principais da pesquisa se estruturam na Geoarqueologia e na Arqueologia da Paisagem do local, deve-se encaixar a imaterialidade que envolve cada um daqueles contextos atribuindo maior ênfase aos novos sítios identificados, buscando uma relação entre os mesmos e com quem os ocupou.

A cultura material e de como ela se perpetua é o pilar de toda essa discussão. A dinâmica existente entre o meio social e o espaço, geram a materialidade, o ser humano não produz só por produzir, não se fixa em um local apenas por que lhe é favorável, tudo o que não é visível aos olhos está presente em cada situação de convivência entre as pessoas e suas relações culturais com o meio em que estão inseridas.

Na cerâmica, diversos estudos vêm abordando a questão de “Agência das Coisas”, dessa forma cria-se a desantropização na análise da cultura material, existe uma materialização das ideologias culturais de um determinado grupo e o fruto dessas relações, são as coisas (COSTA & GOMES, 2018). A aplicação da TAR e a contextualização das coisas de Ingold (2012) e Hooder (In: COSTA & GOMES, 2018) no material cerâmico do complexo, elaboraram uma visão onde as coisas (a cerâmica) está em constante modificação e transformação, dessa forma pode associar a impermanência das funções e usos dos vasilhames.

Essa relação traz certa transitoriedade para os significados e utilizações dos objetos, criando assim um caminho tanto irregular e cheio de possibilidades, para a interpretação dos vestígios. Esta pesquisa, não teve contato com a cerâmica do Complexo em si, apenas utilizou-se como fonte as representações dos fragmentos e bibliografias referentes as Tradições abordadas. Com isso, tem-se uma série de indagações que podem ser utilizadas para futuras pesquisas.

Dessa forma a cultura material analisada neste TCC, ou seja, a cerâmica das Tradições Tecnológicas Una e Tupiguarani, passaram por análises que as fundamentaram fisicamente, onde os atributos mais relevantes eram a sua composição, sua espessura, questões decorativas, no caso ausência dessa e morfologia dos vasilhames que culminaria na sua utilização.

Assim, o ponto chave dessa primeira análise foi às relações existentes entre a morfologia dos vasilhames e a sua utilização. Diversos autores apoiam suas fundamentações quanto a esse tipo de abordagem com estudos etnográficos, que averiguam como ocorre o uso dos vasilhames, a inserção do mesmo âmbito social e a percussão da utilização desses objetos nos contextos ritualístico e cotidianos.

O contexto etnográfico referente a região de Serranópolis é muito extenso, onde diversos grupos frequentavam a região, porém os dados referentes a ocupações tão recuadas como é identificado nas datações do momento ocupacional da Tradição Tecnológica Una e posteriormente Tradição Tecnológica Tupiguarani, não existem associações diretas a grupos étnicos que podem ser associadas aos artefatos identificados. Contudo, de acordo com o levantamento bibliográfico sobre a região Sul do estado de Goiás que abarca o Complexo Serranópolis, tem-se que grupos pertencentes à etnia Cayapó do Sul frequentavam o local.

Os Cayapó do Sul possuem uma história um tanto conturbada devido ao contato com o colonizador, levando a quase extinção do grupo indígena – como

ocorreu com diversos outros nativos do território brasileiro. As informações relacionadas ao grupo mostram que as lutas e fugas constantes contra os estrangeiros. Os Cayapó do Sul se separaram, dando origem a outro grupo, os Panará, onde eles saíram do seu local de origem e migraram para o norte do MT na divisa com o Pará, estabelecendo-se no Parque Nacional do Xingu, restabelecendo seu nível populacional, que sofreu enormes perdas (VASCONCELOS, 2013).

Esse grupo étnico, como sendo o mais denso e constante nas representações de Curt Nimuendaju, na região de Serranópolis, poderiam ser os remanescentes dos produtores e da cultura material presente nos abrigos do Complexo, porém para que se estruture essa relação direta, entre vestígios arqueológicos e um grupo étnico, deve ser muito bem estudada e fundamentada, pois estudos desse nível são por vezes, muito delicados. Já que o material arqueológico é apenas o que restou de quem o produziu e não a prova cabal das pessoas que o utilizaram.

A presença de cerâmica no Complexo Serranópolis é estabelecida em dois momentos, a mais antiga é referente à Tradição Tecnológica Una, onde as características que compõem os fragmentos identificados se estruturam em vasilhames simples, tanto nos contornos, como na ausência de elementos decorativos, é uma cerâmica que remete a atividades cotidianas, as mesmas que estruturam a base da morfofuncionalidade dos recipientes, ou seja, no armazenamento, no transporte e no processamento.

Assim criando essas três vertentes de uso para os vasilhames, facilitam a classificação e estruturação de elementos que sirvam de base para a análise. Dessa forma, tem-se a utilização do vasilhame influenciando na sua morfologia e vice versa, ou seja, a morfologia do recipiente vai se adequar a uma função específica, a ceramista já possui um modelo mental do que ela necessita para que o funcionamento do vasilhame seja bem desempenhado. Relacionando assim a função, o funcionamento e a funcionalidade do recipiente juntamente com a morfologia.

A análise funcional do material cerâmico traz um entendimento de como poderiam funcionar os sistemas culturais que esse material está inserido, buscando alcançar as funções dos objetos resgatados nos sítios arqueológicos. A partir desta análise, há uma clareza sobre como as formas influenciam no desempenho do objeto em uso.

Ao aplicar essa abordagem na cerâmica da Tradição Una presente no Complexo Serranópolis, confirma-se que o uso dos vasilhames seria principalmente utilitário, de acordo com a tipologia dos mesmos. Quanto a aplicação desta análise para o material referente a cerâmica da Tradição Tupiguarani, tem-se que os vasilhames seriam para usos mais cotidianos do que para fins ritualísticos ou em contextos funerários, pois o quantitativo de material foi diminuto e os poucos fragmentos analisados tinham características mais simples e estavam em superfície. O contato preliminar com o material cerâmico, as análises em relação a fatores como, marcas de uso, podem auxiliar na confirmação de como o vasilhame foi utilizado.

Essa relação existente entre pessoas e objetos estruturam toda uma materialidade e a relação dos vasilhames e as pessoas, remetem a um contexto mais consolidado, mais envolvente, pois entra na questão da comensalidade, que se trata de um campo relacional, constrói relações e de certa forma as perpetua.

A comensalidade e a cultura material estão intrinsicamente ligadas uma com a outra, ambas estruturam as simbologias dos vasilhames, essa significância dos mesmos é algo que dificilmente é alcançado sem que a cultura material nos dê pistas de como tal objeto foi utilizado, como por exemplo, elementos decorativos e o contexto de deposição do mesmo. Porém um detalhe importante para esse tipo de análise é justamente a etnografia, no contexto do Complexo Serranópolis, ainda não é possível correlacionar elementos etnográficos com a cultura material. Pois aquela região tinha um grande fluxo de grupos perambulando entre os abrigos e as regiões próximas, como também o grau de perturbação antrópica da área.

Tendo a cultura material como principal base de qualquer estudo arqueológico, vê-se uma diversidade de análises que podem ser realizadas, que vão se aprofundar nos atributos técnicos do contexto em questão como também, no entendimento das relações extrassomáticas com constituem um sítio arqueológico, isso não abarca apenas o que é palpável e físico, que tem suas marcas e matérias primas que o estruturaram, mas o ponto chave é exatamente a materialização da cultura.

Os vestígios arqueológicos carregam em si esse papel de estruturação cultural e visualização do que compõem um grupo de indivíduos. Indivíduos esses, que se relacionam com o meio e entre si, resultando uma enorme complexidade de interações materiais e imateriais. E essa abordagem imaterial também está presente

no material, mas cabe as arqueólogas e arqueólogos adentrar nesse campo, e enriquecer toda a produção de conhecimentos para o estudo em questão. Neste trabalho de conclusão de curso, foi pincelado, como a materialidade e tudo que a envolve instigou na transcendência das análises técnicas dos vestígios cerâmicos como do espaço do complexo Serranópolis.

As pesquisas arqueológicas se baseiam em interpretações dos contextos que os arqueólogos se deparam ao adentrar um sítio arqueológico. Essas interpretações não devem ficar apenas na tecnologia, na técnica, em como foi feito ou para que foi produzido, mas sim o porquê? Como que esses artefatos influenciaram a vida das pessoas, que papel eles tiveram, além da sua utilização e como o seu descarte foi absorvido pelo ambiente, que influências externas esse material está sofrendo e vice versa.

O trabalho de uma arqueóloga(o), deve ser levado em consideração independente do tema, mas a arqueologia como uma prática interpretativa tem que dialogar com os pilares que fundamentam a pesquisa, esse diálogo, deve ser realizado em conjunto com a comunidade científica para que não se perca nos achismos que podem surgir durante a investigação, contudo o produto final deve se pautar na acessibilidade e compreensão do que foi escrito. O texto em questão deve ser coerente para qualquer tipo de público.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se então, que a arqueologia é uma ciência onde seus campos de atuação vão muito além de guias de análise ou releituras do ambiente, quando a(o) arqueóloga(o) busca acessar os significados das coisas e a sua relação entre as pessoas e o meio, adentram-se em questões mais profundas sobre como a cultura se manifesta e a importância desse fator que serve como base para qualquer pesquisa arqueológica - a cultura em si - deve ser analisado com métodos menos enrijecidos e tabelados em abordagens muito técnicas.

Deste modo, tem-se que o Complexo Serranópolis e a cultura material que faz-se presente ali está em constante modificação, os abrigos que compõem o complexo não estão em redomas de vidro, inertes a qualquer interferência, muito pelo contrário, os processos de antropização da área afeta constantemente os sítios arqueológicos, podendo assim, modificar suas estruturas e até mesmo corroborar para a destruição do que restou das vivências que ocorreu ali.

A região dos abrigos é ativamente frequentada, seja por animais como por pessoas, aumentando os níveis de descontextualização de possíveis vestígios arqueológicos em superfície, ou como já foi identificado em visitas técnicas aos abrigos, existem inúmeras vandalizações das representações rupestres. Todo esse descaso e não conhecimento da importância dos contextos arqueológicos, vem dificultando a atuação do arqueólogo, já que um sítio destruído é um pedacinho da história deste país jogada fora também.

Assim, com este TCC conclui-se que a pesquisa desenvolvida seguiu por caminhos diversificados, onde se buscava esclarecer qual era a importância e o papel das coisas no contexto arqueológico. Qual é a importância do lugar, que compõem cada um daqueles sítios arqueológicos, que antes de fontes para a pesquisa arqueológica eram casas, eram espaços que se transformaram em lugares para certos indivíduos que se estabeleceram ali. Em qual é o significado da cerâmica simples que foi identificada como da Tradição Una e desmistificar essa simplicidade, mas, reforçar que além da técnica, trata-se de um emaranhado de relações culturais e pessoais, onde a arqueologia deve fortalecer suas pesquisas sempre que for possível.

## REFERÊNCIAS

- ARNOLD, D.E. **Ceramic Theory and cultural process**. Cambridge University Press, Cambridge, 1985.
- ASNIS, G. Z. P. **“Do Período Pré-Colonial aos Dias Atuais: Um Levantamento Histórico A Respeito dos Kayapó Meridionais”**. Monografia (Graduação em História) UFMG, Uberlândia, Minas Gerais, 2017.
- ATAÍDES, M. J. **O Signo da Violência: Colonizadores e Kayapó do Sul no Brasil Central**, UFG, Goiânia, Goiás, 1991.
- CHAVES, C. **Caiapônia, Romance da Terra e do Homem do Brasil Central**, 2ª Edição. Belo Horizonte, Minas Gerais, 1943.
- CHMYZ, I. **Terminologia Arqueológica brasileira para a cerâmica. Cadernos De Arqueologia**. Ano 1, nº 1. Paranaguá: Museu de Arqueologia e Artes Populares, UFPR, 1976.
- CLARKE, D, L. **Spatial Information in Archaeology**. Cambridge University, Cambridge, 1972.
- CONOLLY, J. & LAKE, M. **Geographical Information Systems in Archaeology**. Cambridge University, Cambridge, 2006
- COPÉ S, M. **Narrativas Espaciais das Ações Humanas História e Aplicação da Arqueologia Espacial como Teoria de Médio Alcance: O Caso das Estruturas Semi-Subterrâneas do Planalto Sul-Brasileiro**. UFRGS, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2006.
- COPÉ, S. M. & ROSA C. A. D. **A Arqueologia como uma Prática Interpretativa Sobre o Passado no Presente: Perspectivas Teórico-Metodológicas** IFCH/UFRGS, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2008.
- Costa, A. F., & Gomes, D. M. C. **A multifuncionalidade das vasilhas cerâmicas do alto rio Madeira (séculos X-XII d.C): Comensalidade cotidiana e ritual**. Revista De Antropologia, v. 61, n. 3, USP, São Paulo, São Paulo, 2018.
- CRESSWELL, R. **Técnica**. In: Enciclopédia Eianudi, Lisboa, IN-CM, v. 16 – Homo – Domesticação – Cultura Material, 1989.
- CRUZ, M. D. G; CORREIA, V. H.; COSTA, P. F. **Arqueologia: cerâmica utilitária**. IMC, Lisboa, 2007.
- DIAS, A. S. **Novas perguntas para um velho problema: escolhas tecnológicas como índices** Novas perguntas para um velho problema: escolhas

**tecnológicas como índices para o estudo de fronteiras e identidades sociais no registro arqueológico** Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v. 2, n. 1, p. 59-76, jan-abr. Belém, Pará, 2007.

FAGUNDES, M. & PIUZANA, D. **Estudo Teórico Sobre o Uso do Conceito de Paisagem em Pesquisas Arqueológicas**. Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales Niñez y Juventud, v. 8, núm. 1, enero-junio, Manizales, Colombia, 2010.

Freire L. L. **Seguindo Bruno Latour: notas para uma antropologia simétrica Comum** v.11; nº 26: p. 46 a 65 - janeiro / junho Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

GALLAY, A. **L'archéologie demain**. Cap. VII. As observações e o estabelecimento dos fatos. Tradução: Emílio Fogaça. Ed. Pierre Belfond, Paris, França, 2002.

GEERTZ, C. **The Interpretation of Cultures**. Basic Books, New York, 1973.

GIRALDIN, O. **Renascendo das cinzas. Um histórico da presença dos Cayapó-Panará em Goiás e no Triângulo Mineiro**. Sociedade e Cultura, v. 3, n. 1 e 2, jan/dez. UFG, Goiânia, Goiás, 2000.

HARARI, Y.N. **Sapiens: uma breve história da humanidade** (reimpressão) L&MP, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2020

HIGGS, E. S. & VITA-FINZI, C. **Economia Pré-Histórica: Uma abordagem territorial** Papers in Economic Prehistory, Cambridge University Press, Cambridge, 1972.

INGOLD, T. **Trazendo as Coisas de Volta à Vida: Emaranhados Criativos Num Mundo de Materiais** University of Aberdeen – Escócia, 2012.

KORMIKIARI M. C. N. **Arqueologia da Paisagem**. LABECA – MAE/USP, São Paulo, São Paulo, 2000.

LA SALVIA, F; BROCHADO, J. P. **Cerâmica Guarani**. Porto Alegre: Posenato Arte e Cultura, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 1989.

LARAIA, R. B. **Cultura: um conceito antropológico** Ed. Zahar Brasil, Rio de Janeiro, 1986.

LIMA T. A. **Cultura material: a dimensão concreta das relações sociais** Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum., Belém, v. 6, n. 1, p. 11-23, jan.- abr. 2011

LIMA, D. O. S. **Áreas de captação de recursos para a produção de cerâmica do sítio GO-JÁ-02, Serranópolis, Goiás, Brasil** (Relatório parcial de iniciação científica), IGPA PUC-GO. Goiânia, 2018.

LOPES, E **História e Antropologia no Vale do rio Manso (MT)**. PUC-GO, Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia, Goiânia, Goiás, 2006.

MAGALHAES, W. **“Estudo arqueométrico dos sítios arqueológicos Inhazinha e Rodrigues Furtado, Município de Perdizes – MG. Da argila à cerâmica... possíveis conexões entre os vasilhames cerâmicos e as fontes argilosas”** USP, MAE, São Paulo – São Paulo, 2015.

MRS ESTUDOS AMBIENTAIS LTDA. **Relatório Parcial II – Eliminação da Microfauna e limpeza da Vegetação. Realização de Ações Emergenciais de Conservação das pinturas e Gravuras Rupestres nos sítios de Abrigos do Complexo Arqueológico de Serranópolis – GO.** Brasília, 2019.

OLIVEIRA, J. E, & VIANA S. A. **O Centro-Oeste Antes De Cabral.** Museu de Arqueologia e Etnologia USP. REVISTA USP, São Paulo, n.44, p. 142-189, dezembro/fevereiro, 1999-2000.

ORTEGA, D. D. **A Cerâmica Arqueológica do Sítio Lago Rico: Questões Sobre Funcionalidade, Funcionamento e Função.** Monografia (Graduação em Arqueologia) PUC-GO, Goiânia, 2016.

OSORIO, M. **Experiências SIG na Arqueologia Portuguesa.** Faculdade de Letras, Coimbra, 2014.

PEDROSO, D. M. **O Povo Invisível: a História dos Avá-Canoeiros nos Séculos XVIII e XIX,** UCG, Goiânia, Goiás, 1994.

PROUS, A. **O Brasil antes dos brasileiros. A pré-história de nosso país** Ed. ZAHAR, Rio de Janeiro, 2006.

REDE, M. **História a partir das coisas: tendências recentes nos estudos de cultura material.** Anais Do Museu Paulista: História E Cultura Material, USP, São Paulo, 1996.

ROCHA, A. L. C. & ECKERT, C. **Etnografia: Saberes e Práticas** In: Ciências Humanas: pesquisa e método. UFRGS, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2008.

RUBIN, J. C. R., DUBIOS, C. M. F., SILVA, R. T. **Geoarqueologia na América do Sul.** Goiânia, Ed. PUC-GO, 2015.

SANJUAN, L, G. **Introducion al Reconhecimento y Analisis Arqueológico del Territorio.** Ed. Ariel S.A, Barcelona, 2004.

SANTOS, M. C. M. **Espaço e Território.** Boletim DATALUTA n. 108, UFPB, Paranaíba, Mato Grosso do Sul, 2016.

SCHMITZ & BARBOSA, A.S. **Horticultores Pré-Históricos do Estado de Goiás.** Instituto Anchietano de Pesquisas – UNISINOS, São Leopoldo, Rio grande do Sul, 1985.

- SCHMITZ, P.I. **Serranópolis I Arqueologia nos Cerrados do Brasil Central**. Instituto Anchietano de Pesquisas – UNISINOS São Leopoldo, Rio Grande do Sul, 1986.
- SCOPEL, I. **A Formação de Areais e seu Controle na Região de Jataí e Serranópolis/GO**, UFG, Goiânia, Goiás, 2005.
- SHEPARD, A. O. **Ceramics for the Archaeologist**. Washington D. C.: Carnegie Institution of Washington, Washington, 1956.
- SILVEIRA, L. **Distribuição espacial dos Grupos Agricultores Ceramistas do Complexo Serranópolis**. (Iniciação Científica) Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia PUC-GO, Goiânia, Goiás, 2020.
- SINOPOLI, C. M. **Approaches to Archaeological Ceramics**. New York: Plenum Press, 1991.
- SKIBO, J. M. **Pottery Function: A Use-Alteration Perspective** Illinois State University, Illinois, 1992.
- SPOSITO, E. S. **Geografia e filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico**. Editora UNESP, São Paulo, 2004.
- TUAN, Y. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo, 1983.
- TURNER, T. **Os Mebengokre Kayapo: História e Mudança Social de Comunidades Autônomas para a Coexistência Interétnica**. História dos índios no Brasil, São Paulo: Companhia das Letras Secretaria Municipal de Cultura, São Paulo, 1992.
- VIANA, S. A.; RIBEIRO, C. V.; OLIVEIRA, S. D. **Cauixi em Cerâmica Arqueológica: uma Questão de Escolhas Culturais**. *Revista de Arqueologia da Sociedade de Arqueologia Brasileira*, v. 24: 20-39. São Paulo, 2011.
- WUST, I. **Etnicidade e Tradições Ceramistas: Algumas Reflexões a Partir das Antigas Aldeias Bororo do Mato Grosso** *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, Suplemento, 1999.
- ZAGO, L. **Etnohistória Bororo: Contatos, Alianças e Conflitos (Século XVIII e XIX)** UFMS/UFMG Dourados, Mato Grosso do Sul, 2005.
- MORALES, W.F. **Um estudo de Arqueologia Regional no médio curso do rio Tocantins, TO, Planalto Central brasileiro**. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 17: 69-97, 2007.

## REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

**NORMAS ABNT 2020 – pré-textuais, textuais e pós-textuais**, ABNT-Associação Brasileira de Normas Técnicas Disponível em: <<https://www.normasabnt.org/>> Acesso em: 17/11/2020

MORENO DE SOUSA, **Tecnologia dos artefatos líticos da “tradição Itaparica”:** Estudo de caso do sítio Gruta das Araras, Serranópolis, Goiás Disponível em: <<https://arqueologiaeprehistoria.com/2015/12/21/artigo-tecnologia-dos-artefatos-liticos-da-tradicao-itaparica-estudo-de-caso-do-sitio-gruta-das-araras-serranopolis-goias/>> Acesso em: 3/11/2020

Conceito de **Função**, Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/FUN%C3%87%C3%83O>> Acesso em: 17/11/2020

## RESOLUÇÃO n°038/2020 – CEPE

### ANEXO I APÊNDICE ao TCC

Termo de autorização de publicação de produção acadêmica

O(A) estudante Laura Silveira Lopes do Curso de Arqueologia matrícula 2017.1.0064.0026-9, telefone: (62) 9 91238687 e-mail [lauraasilveiraa@gmail.com](mailto:lauraasilveiraa@gmail.com), na qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei n° 9.610/98 (Lei dos Direitos do autor), autoriza a Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) a disponibilizar o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado A Cultural Material e a Materialidade: O Contexto Arqueológico do GO-JA-02, Complexo Serranópolis, Goiás, gratuitamente, sem ressarcimento dos direitos autorais, por 5 (cinco) anos, conforme permissões do documento, em meio eletrônico, na rede mundial de computadores, no formato especificado (Texto (PDF); Imagem (GIF ou JPEG); Som (WAVE, MPEG, AIFF, SND); Vídeo (MPEG, MWV, AVI, QT); outros, específicos da área; para fins de leitura e/ou impressão pela internet, a título de divulgação da produção científica gerada nos cursos de graduação da PUC Goiás.

Goiânia, 15 de Dezembro de 2020.

Assinatura do(s) autor(es): 

Nome completo do autor: Laura Silveira Lopes

Assinatura do professor-orientador: 

Nome completo do professor-orientador: Rosiclér Theodoro da Silva